



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

GENIVALDO FLORES DA SILVA

**MITOLOGIA INDÍGENA TERENA SOBRE O CANTO DE AVES CONTADAS POR
ANCIÕES DA ALDEIA IPEGUE, AQUIDAUANA-MS**

Campo Grande/MS
2024

GENIVALDO FLORES DA SILVA

**MITOLOGIA INDÍGENA TERENA SOBRE O CANTO DE AVES CONTADAS POR
ANCIÕES DA ALDEIA IPEGUE, AQUIDAUANA-MS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua, Discurso e Sociedade

Orientador: Prof^o. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza

Campo Grande/MS

2024

GENIVALDO FLORES DA SILVA

**MITOLOGIA INDÍGENA TERENA SOBRE O CANTO DE AVES CONTADAS POR
ANCIÕES DA ALDEIA IPEGUE, AQUIDAUANA-MS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza (Presidente)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^o. Dr. Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho (Titular)

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof^o. Dr. Marlon Leal Rodrigues (Suplente)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^o. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Titular)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Campo Grande/MS, 14 de fevereiro de 2024.

S578m Silva, Genivaldo Flores da
Mitologia indígena Terena sobre o canto de aves contadas por anciões da
Aldeia Ipegue, Aquidauana-MS / Genivaldo Flores da Silva - Campo Grande, MS:
UEMS, 2024.
84 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Sociolinguística – Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza

1. Sociolinguística. 2. mitologia. 3. indígena. 4. Aldeia Ipegue I. Souza,
Antonio Carlos Santana II. Título

CDD 23 ed.306.44

Dedico esse trabalho à minha família e ao meu Povo Terena da Aldeia Ipegue, a minha aldeia de origem.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por essa oportunidade e privilégio de concluir o tão sonhado curso de mestrado em educação.

Ao meu orientador prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza, pela paciência, ajuda e orientações dadas.

À minha querida esposa Rose Mariano da Silva por ser a minha grande companheira de luta ao longo da minha carreira acadêmica, pela oração constante e pelos incentivos à minha pessoa.

Agradeço aos meus pais Benito da Silva e minha mãe Dionízia Flores pelas orações, incentivo e palavras de motivação em todo tempo.

À minha sogra Evanisa Mariano da Silva pelas palavras de incentivo e pelo apoio.

Aos meus irmãos Genilson, Benite, Lenilza e Aziel pela torcida e pelas palavras de motivação.

À minha avó materna Lucinda Angú (in Memoriam) que sempre me incentivou a estudar e pelo carinho e também a minha avó paterna Maria Regina Maranhão Pio de 105 anos de idade pelo carinho e pelos cuidados em toda a minha carreira escolar.

Aos meus tios, tias, primos e primas nas palavras de motivação, incentivo e torcida.

Ao prof. Dr. Antonio Carlos Seizer da Silva pelas contribuições nos conhecimentos e saberes indígenas.

Ao pastor Ladislau Farias indígena Terena pela frase da epígrafe de sua autoria.

Aos meus colegas e amigos que diretamente ou indiretamente deram as suas contribuições e incentivo.

Aos meus irmãos indígenas Terena que foram entrevistados sendo muito importante e essencial para a construção e a realização dessa pesquisa sobre a Mitologia Terena.

“Xúnatimo ne Kopénoti enepomo hákoti huríko Koyúhoyea emó’u”.

“Um povo só será soberano se preservar a sua língua”.

Pastor Ladislau Farias

RESUMO

O presente trabalho trata sobre a mitologia Terena, saberes ancestrais na fala dos anciões da Aldeia Ipegue, no Município de Aquidauana-MS. O foco central deste trabalho é trabalhar na área da sociolinguística com o relato dos anciões sobre o significado mitológico na cosmovisão do ancião Terena sobre o canto da coruja buraqueira (*Athene cunicularia*), patiké na língua terena e do bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) conhecido como vítuka na língua terena. Para a construção de dados, foi realizado entrevistas com os anciões e as respostas dadas foram gravadas com o uso de um aparelho celular e depois transcritas neste trabalho. Para alguns anciões o canto da coruja e do bem- te -vi traz uma notícia boa de alegria, já para outros traz notícias ruins como exemplo o prenúncio de morte na família. Após os relatos apresentados foi possível observar que a maioria dos entrevistados falaram somente na língua portuguesa, alguns anciões mais velhos ainda preservam a fala da língua Terena. Assim, para o indígena a mitologia é abrangente, na maioria das vezes são contadas pelos anciões e têm uma grande importância para o povo Terena. Portanto, para que os conhecimentos e os saberes ancestrais e a fala da língua terena não se perca e não seja extinta, é necessário que haja a revitalização da língua através da mitologia e que os ensinamentos sejam repassadas para a juventude seja no convívio familiar, nas escolas, para que assim sejam ensinadas para a futura geração do povo Terena.

Palavras Chaves: Sociolinguística, mitologia, indígena, Aldeia Ipegue.

RESUMEN

Este trabajo aborda la mitología terena, conocimiento ancestral en el habla de los ancianos de Aldeia Ipegue, en el Municipio de Aquidauana-MS. El enfoque central de este trabajo es trabajar en el área de la sociolingüística con el relato de los mayores sobre el significado mitológico en la cosmovisión del anciano terena sobre el canto de la lechuza llanera (*Athene cunicularia*), patiké en lengua terena y bem- te-vi (*Pitangus sulphuratus*) conocido como vítuka en lengua terena. Para la recolección de datos se realizaron entrevistas a los ancianos y las respuestas dadas fueron grabadas mediante un teléfono celular y luego transcritas en este trabajo. Para algunas personas mayores, el canto del búho y del bem-te-vi trae buenas noticias de alegría, mientras que para otros trae malas noticias, como el presagio de muerte en la familia. Después de los informes presentados, se pudo observar que la mayoría de los entrevistados hablaban sólo portugués, algunos ancianos aún hablan la lengua terena. Así, para los indígenas la mitología es integral, la mayoría de las veces son contadas por los mayores y tienen gran importancia para el pueblo terena. Por lo tanto, para que los conocimientos y conocimientos ancestrales y el habla de la lengua terena no se pierdan o se extingan, es necesario que la lengua se revitalice a través de la mitología y que las enseñanzas se transmitan a los jóvenes, ya sea en la vida familiar, en las escuelas, para que puedan ser enseñados a la futura generación del pueblo Terena.

Palabras clave: Sociolingüística, mitología, pueblos indígenas, Aldeia Ipegue.

RESUME

This work deals with Terena mythology, ancestral knowledge in the speech of the elders of Aldeia Ipegue, in the Municipality of Aquidauana-MS. The central focus of this work is to work in the area of sociolinguistics with the elders' report on the mythological meaning in the Terena elder's worldview about the song of the burrowing owl (*Athene cunicularia*), patiké in the Terena language and bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) known as vítuka in the Terena language. To collect data, interviews were carried out with the elders and the answers given were recorded using a cell phone and then transcribed in this work. For some elderly people, the song of the owl and bem-te-vi brings good news of joy, while for others it brings bad news, such as the harbinger of death in the family. After the reports presented, it was possible to observe that the majority of those interviewed spoke only Portuguese, some older elders still speak the Terena language. Thus, for the indigenous people, mythology is comprehensive, most of the time they are told by the elders and have great importance for the Terena people. Therefore, so that ancestral knowledge and knowledge and the speech of the Terena language are not lost or become extinct, it is necessary that the language be revitalized through mythology and that the teachings be passed on to youth, whether in family life, in schools, so that they can be taught to the future generation of the Terena people.

Key Words: Sociolinguistics, mythology, indigenous, Aldeia Ipegue.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Línguas Indígenas da Família Aruak.....	23
Imagem 2 - Confronto dos europeus contra os povos indígenas.....	24
Imagem 3 - Ensino da Religião.....	25
Imagem 4 - Indígenas Terena que lutaram na guerra do Paraguai.....	34
Imagem 5 - Localização dos indígenas Terena no MS.....	38
Imagem 6 - Limitação territorial da Aldeia Ipegue.....	42
Imagem 7 - Asfalto MS - 442 acesso ao Distrito de Taunay.....	44
Imagem 8 - Aldeias Terena da Terra Indígena (TI), Taunay/Ipegue.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS

COVID -19 - Corona Virus Disease

FUNAI- Fundação Nacional do Índio IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN - Diretrizes e Bases da Educação Nacional

RANI - Registro Administrativo de Nascimento Indígena

SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena

TI - Terra indígena

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. REVISÃO TEÓRICA.....	19
2.1 A origem da história do Povo Terena.....	27
2.2 Aruák.....	30
2.3 Linha do Tempo dos Terena	31
2.4 O Terena após a Guerra	36
2.5 O Processo Histórico dos Terena em Mato Grosso do Sul.....	37
2.6 Indígenas de Aquidauana e Miranda.....	39
2.7 Breve histórico da Aldeia Ipegue.....	40
2.8 A língua falada na Aldeia Ipegue.....	46
2.9 Conexões Religiosas.....	47
3. CASUÍSTICAS E MÉTODOS.....	48
4. ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS INDÍGENAS DA ALDEIA IPEGUE.....	49
4.1 A escrita da língua terena e suas aplicações nas escolas indígenas.....	52
4.2 Sociolinguística e ensino: contribuição para a formação do professor indígena....	53
4.3 Variações da língua terena na Aldeia Ipegue.....	54
4.4 A política do ensino da língua Terena.....	55
4.5 A variação linguística entre o mesmo grupo étnico em comunidades diferentes....	56
4.6 Isolamento e Mudança.....	57
5. RESULTADOS.....	60
6. DISCUSSÃO.....	68
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82

1. INTRODUÇÃO

Os povos indígenas sempre foram os primeiros habitantes e os verdadeiros donos das terras, neste caso do território brasileiro. Conforme o processo histórico, no passado toda a extensão territorial brasileira era habitada por diversos povos indígenas de diferentes línguas e etnias antes mesmo da invasão europeia. Povos indígenas este que sempre apresentaram uma grande riqueza cultural e linguística, de tradições, costumes, crenças e religiões.

Conforme a história, no ano de 1500, uma longa viagem através da navegação marítima pelos europeus que tinham como destino de chegar à Índia, acabaram se perdendo durante a navegação e seguiram uma nova rota de viagem que culminou no litoral brasileiro que atualmente é conhecido como o estado da Bahia, na região Nordeste do Brasil.

Assim, conforme a história e pesquisas já realizadas sobre a história do Brasil, os navegantes europeus chegaram no litoral brasileiro no dia 22 de abril de 1500, onde as navegações marítimas nesse período foram conduzidas por Pedro Alvares Cabral. Ao aproximar-se do litoral, avistaram a terra e ao se aproximar depararam com povos nus com a pele de coloração avermelhada, sendo assim, acreditavam que tinha chegado ao destino que era a Índia.

Conforme a afirmação de Gomes e Rocha (2016), o Brasil não existia em 1500, existia uma porção de terra, já povoada por seus habitantes nativos, batizados de índios somente porque os europeus pensavam terem chegado à Índia, e muitos caminhos podiam ser tomados ali, mas o que temos hoje é o resultado do que foi feito nesse período, mas com mudanças no passar do tempo, pois “Toda história é contemporânea”, afinal está sempre a ser interpretada com leituras contemporâneas, compreendendo o passado com uma leitura renovada. De início, essa descoberta – que na verdade já não era descoberta, pois a terra já estava habitada – não despertou muito o interesse dos portugueses, pois não sabiam das riquezas dessa terra, mas, com o tempo esse conceito mudou em relação ao Novo Mundo.

De acordo com o processo histórico, a invasão europeia trouxe muitas consequências desastrosas para os povos indígenas citando como exemplo as doenças, morte dos indígenas, o confronto, a guerra, a degradação ambiental devido a exploração da madeira e recursos naturais.

Diante desse contexto, houve desaparecimento de muitos povos indígenas desde esse período trágico em consequência da invasão dos europeus que tinham como objetivo obter lucro com as terras e aculturar os povos indígenas, implantando uma cultura europeia.

De acordo com a afirmação de Fausto (2002, p.16), a chegada dos portugueses representou para os índios uma verdadeira catástrofe. Vindos de muito longe, com enormes embarcações, os portugueses e em especial os padres foram associados na imaginação dos tupis aos grandes xamãs, que andavam pela terra, de aldeia em aldeia, curando, profetizando e falando de uma terra de abundância. Os brancos eram ao mesmo tempo respeitados, temidos e odiados, como homens dotados de poderes especiais.

Assim, a tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra (Buarque de Holanda, 1995, p. 31).

Após o primeiro contato com os povos indígenas os europeus tiveram que aprender a falar uma língua indígena para que assim pudessem dialogar. Posteriormente, os povos indígenas foram denominados pelos europeus de “índios”, pelo fato de achar que quando chegaram no território brasileiro, acharam que estavam na Índia devido as características que os indígenas apresentavam.

Assim, os europeus mantiveram o primeiro contato e começaram a conviver com os povos indígenas e aprenderam a falar uma língua indígena, conhecida nesse período como a língua *nheengatu*, que era uma língua comum para todos se comunicarem.

Após o domínio da língua e dos indígenas, os europeus começaram a implantar um novo sistema de vida aos indígenas, começando a ensinar forçadamente uma nova cultura diferente que afetou drasticamente à cultura, os costumes e a sobrevivência dos povos indígenas, citando como exemplo a imposição do ensino forçado da língua portuguesa, uso de roupas, uso de remédios manipulados trazidos na navegação, consumo de alimentos industrializados, o ensino da religião cristã, que é uma religião totalmente diferente da fé e da crença e cultura dos povos indígenas.

De acordo com estudos e pesquisas já realizadas, ainda durante o período da invasão dos europeus no território indígena, houve um grande confronto e guerra com armas de fogo e flechas, e durante o confronto muitos indígenas perderam suas vidas em defesa de seus territórios, de suas culturas, sendo mortos e perseguidos. Nesse período, muitos conseguiam escapar fugindo pelas matas e se distribuindo em meio a extensão territorial, os confrontos aconteceram, pois, muitos indígenas não aceitaram que fossem dominados e aculturados pelo “homem branco”. Por isso, até os dias de hoje em pleno século XXI, ainda há um grupo de

indígenas que não têm contato com o “homem branco” e sobrevivem em áreas isoladas pela floresta na Amazônia.

Na chegada dos europeus no Brasil e na invasão das terras indígenas, os europeus descobriram uma espécie de árvore nativa de grande porte e de grande valor econômico sendo nomeadas por eles como pau-brasil. O caule dessa árvore apresentava uma coloração avermelhada tendo a possibilidade de produzir tinta ou um pigmento de cor avermelhada muito útil para tingir tecidos e muita madeira de primeira qualidade.

Após a instalação e o domínio dos europeus sobre os indígenas, houve a exploração em massa ao longo do território brasileiro como a retirada do pau-brasil que foram exportadas para a Europa por meio da navegação marítima, além de outras riquezas de recursos naturais, principalmente o ouro e pedras preciosas.

Todas essas explorações pelos europeus no passado ainda refletem até os dias de hoje, onde no Brasil a exploração de ouro, retirada da madeira, desmatamento, pesca em área indígena por não indígenas ocorrem até os dias de hoje. O sistema capitalista está sempre presente por parte de garimpeiros e madeireiros que visam somente o lucro, não se importando com a destruição ambiental.

Atualmente no século XXI, o Brasil é um país multicultural habitadas por diversos povos de diferentes lugares, cada povo possui suas tradições, costumes e suas línguas próprias. Dentre os habitantes brasileiros estão os povos indígenas que totalizam 305 etnias diferentes e 274 línguas diferentes.

Após a perda territorial, os indígenas ainda buscam preservar os seus territórios, preservam as culturas, os costumes e as tradições e sempre buscam lutar para reconquistar até o tempo atual os seus territórios indígenas em vários estados brasileiros, sendo amparado pela Lei da Constituição Federal de 1988.

Atualmente, de todos os povos indígenas existentes muitas famílias vivem nas aldeias de zona rural, mas também há indígenas vivendo em comunidades indígenas urbanas espalhadas pelo Brasil, e o número de indígenas só vem crescendo ao longo do tempo conforme os dados da pesquisa.

De acordo com o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2022), a população brasileira é composta pelo total de 203.062.512 milhões de habitantes, onde 1.693.535 são indígenas de 305 etnias e 274 línguas indígenas diferentes registrada.

O Estado de Mato Grosso do Sul é considerada um estado onde há uma grande concentração de indígenas possuindo a terceira maior população indígena no Brasil com mais de 116 mil indígenas de oito etnias diferentes, segundo o Censo realizado pelo IBGE (2022).

Na atualidade, é importante ressaltar que há duas categorias de aldeias indígenas: as aldeias localizadas na zona rural, conhecido como aldeias rurais e comunidades indígenas urbanas que foram criadas em contexto urbano sendo chamado de aldeias urbanas.

É importante ressaltar que o indígena terena vive em trânsito, hora pode estar morando na aldeia de zona rural, hora pode estar morando na comunidade indígena urbana. Esse deslocamento de um lugar para o outro está relacionado em busca de trabalho e uma melhor condição e melhoria na qualidade de vida. Nesse sentido é que os indígenas conseguem ter um aprendizado com os não indígenas, mas também os jovens indígenas conseguem adquirir conhecimentos e saberes ancestrais com os anciões indígenas em convivência familiar.

Em relação as etnias indígenas que habitam no Estado de Mato Grosso do Sul, a maior parte de indígenas são das etnias Guarani e Terena. Conforme o censo realizado pelo IBGE (2022), a região Centro Oeste é considerada a terceira região do território brasileiro com maior número de indígenas totalizando oito etnias que são: Atikun, Guarani, Guató, Kadiwéu, Kinikinau, Kaiowá, Ofaié e Terena.

As etnias indígenas terena estão concentradas nas aldeias nos municípios de: Anastácio, Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Dois Irmãos do Buriti, Dourados, Miranda, Maracajú, Nioaque, Sidrolândia, etc. É importante ressaltar que em todos os municípios citados, há uma grande quantidade de famílias indígenas vivendo em contexto urbano denominados de comunidades indígenas urbanas, há também indígenas vivendo em aldeias próximo de cidades como é o caso da Aldeia Jaguapirú e Bororó no município de Dourados onde há indígenas terena.

A cultura indígena brasileira é rica em mitologia, fatos históricos, crenças, pinturas, grafismo, artesanatos, danças e demais conhecimentos e saberes ancestrais que ainda precisam ser pesquisadas, estudadas, descritas e registradas, para que não seja extinta, mas que possam ser ensinadas aos jovens indígenas.

Dessa forma, este trabalho teve como objetivo pesquisar sobre a mitologia Terena descrevendo o significado sobre o significado do canto da coruja e do bem-te-vi que vivem nas matas e/ou nos quintais de casas de acordo com a cosmovisão do ancião Terena da Aldeia Ipegue. Esta aldeia é histórica, sendo uma das primeiras aldeias criada há muito tempo, sendo considerada uma das primeiras aldeias que surgiu na Terra Indígena (TI), Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana/MS, onde atualmente há aproximadamente 1.000 moradores.

Esta pesquisa foi desenvolvida através dos relatos dos anciões a partir da observação e do canto das aves como o da coruja e o bem-te-vi que vivem em árvores e nos quintais de casas na aldeia, pois os anciões Terena tem um olhar diferenciado e vê as aves como um mensageiro na crença indígena.

O significado do canto de cada ave para o ancião terena tem uma grande importância na cosmologia e cosmovisão indígena terena. Os conhecimentos e saberes foram herdados dos pais e dos ancestrais e que precisam ser pesquisadas, para depois serem ensinadas.

Diante desse contexto mitológico, quero inserir uma parte de minha vivência quando estava na fase jovem, onde minha avó materna indígena Terena me ensinava e dizia que o canto da coruja e do bem-te-vi próximo de casas na aldeia em períodos e horários não comum pode trazer um significado de acordo com a crença e a cosmologia indígena podendo ser uma mensagem boa que iria trazer alegria ou fato ruim como a morte de alguém na família, mas que não poderia ter medo, pois esses acontecimentos sempre estará ligado aos conhecimentos culturais indígenas.

Os conhecimentos e saberes tradicionais são considerados conhecimentos científicos indígenas e esses conhecimentos indígenas jamais serão inferiores às ciências universais e por isso é importante conhecer, preservar para que sejam sempre valorizados e ensinados para novas gerações.

O canto das espécies de aves pesquisadas neste trabalho foram: a coruja buraqueira (*Speotyto Cunicularia*), patiké na (língua terena), o bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), vítuka na (língua terena) e a obtenção de dados foram obtidos a partir de entrevistas com aplicação de questionamentos e relatos dos anciões terena da Aldeia Ipegue.

Aldeia Ipegue, está localizada a 60 km de distância no município de Aquidauana - MS e distante de 5 km do Distrito de Taunay, pertencente à Terra Indígena (TI), Taunay/Ipegue, juntamente com demais 07 (seis) aldeias Terena existente que são: Água Branca, Imbirussú, Morrinho, Lagoinha, Bananal, Jaraguá e Colônia Nova.

O aumento populacional indígena acontece devido aos casamentos que ocorrem constantemente nas aldeias, com a realização de festa para a união de duas famílias, as vezes as noivas são da mesma aldeia, ou de aldeias vizinhas.

Na tradição terena, quando os filhos se casam, após o casamento acabam construindo suas casas próximos a casa dos pais. Assim, acabam formando as vilas de uma determinada família com mesmo grau de parentesco próximo. Dessa forma, atualmente a Aldeia Ipegue é formada por várias vilas que são: Vila Alfredinho, Vila Baixadão, Vila Carandá, Vila Central, Vila Domingos, Vila Francisco, Vila Flores, Vila Igrejinha, Vila Luís, Vila Laranjeira. Todos

os moradores dessas vilas têm um grau de parentesco próximo e cada vila leva o sobrenome de uma determinada família.

O sistema organizacional dessa aldeia é da seguinte forma, no centro da aldeia está localizada a escola municipal indígena que atende alunos até o 6ª ano, próximo da escola está o posto de saúde, escritório da Funai, que é responsável pelo atendimento administrativo aos indígenas para expedição de documentos indígenas como o Registro Administrativo de Nascimento Indígena-RANI e certidão de casamento indígena emitido pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI. No posto da funai, os servidores fazem os encaminhamentos para a aposentadoria indígena e os benefícios indígenas.

Na Aldeia Ipegue há alguns anciões que possuem vários conhecimentos culturais voltados para o conhecimento mitológicos e demais saberes indígenas. No passado, uns 40 anos atrás havia na Aldeia Ipegue muitos anciões que trabalhavam com xamanismo, rezas e orações para atender as pessoas que ficavam doentes na comunidade devido à dificuldade para se deslocar até a cidade naquela época em busca de socorro médico. Atualmente essa realidade não acontece, pois atualmente há atendimento de saúde básica aos moradores pelos profissionais da saúde indígena, e os casos de saúde mais grave são encaminhadas para ser atendida no hospital na cidade de Aquidauana.

É de suma importância mencionar que o trabalho com xamanismo é realizado por um pajé ou por um rezador que busca a força através da natureza, através das orações, rezas, canto dos anciões e uso de plantas medicinais. Geralmente os rituais são realizados por um grupo de indígenas que já tem o hábito de fazer esses momentos espirituais conforme a cosmologia terena.

Atualmente, são poucos o número de anciões nesta aldeia que possuem os conhecimentos e saberes tradicionais e culturais, conhecimentos que foram herdados dos ancestrais. Muito dos anciões faleceram devido as doenças, inclusive muitos morreram devido a grave doença que chegou até as aldeias terena que foi o COVID-19, sendo uma fase muito difícil e de grande fatalidade para muitas famílias indígenas terena.

Na maioria das vezes muitos conhecimentos tradicionais indígenas são repassados para os adultos, jovens referentes as histórias, mitos sobre o significado do canto das aves e também não esquecendo de mencionar o uso das plantas medicinais utilizadas para produção de remédios caseiros contra as doenças.

O aprendizado da cultura terena faz parte da cultura indígena onde as crianças aprendem com seus avós pois a maioria dos pais saem para trabalhar na roça ou vão para fazer compras na cidade e deixam os filhos sob os cuidados das avós.

Por mais que muitos dos anciões já se foram, os mitos, as histórias permanecem vivas na mente dos filhos e netos sendo de suma importância ser ensinadas, repassadas e contadas para as novas gerações de jovens, adolescentes indígenas, seja em casa ou na escola pelos professores indígenas.

Essas histórias geralmente são contadas em casa em convívio familiar principalmente pelas avós quando os netos ainda são pequenos. O material produzido neste trabalho sobre a mitologia terena através de canto de aves, serão divulgadas para que todos tenham acesso para que sejam ensinadas nas comunidades e nas escolas indígenas das aldeias terena.

Assim, a mitologia indígena terena através dos contos, relatos e mitos na cosmovisão indígena sobre o canto das aves são riquezas de conhecimentos e saberes tradicionais indígenas que permanecem até os dias atuais, e não pode ficar no esquecimento, pois isso a importância da realização dessa pesquisa para que possa ser ensinada de geração em geração.

No próximo tópico na revisão teórica está descrito um pouco mais sobre a mitologia indígena terena dando enfoque sobre o significado do canto de aves, onde os fatos abordados através da coleta de dados que traz o significado do canto das aves de acordo com a cosmologia e cosmovisão do ancião indígena terena.

2. REVISÃO TEÓRICA

A cultura tradicional indígena é abrangente desde os conhecimentos e saberes ancestrais, como a língua, os costumes, a crença, a religião, a culinária indígena, prática de artesanatos e modos de sobrevivência etc.

A existência dos povos indígenas também conhecido atualmente por vários pesquisadores como povos originários é de muito tempo pois os povos indígenas já habitavam no território brasileiro há milhares de ano, onde cada etnia vivia em suas comunidades bem antes mesmo da chegada dos europeus.

A presença dos povos indígenas antes da invasão reafirma que eles já habitavam no território invadido pelo não indígenas e assim são considerados os verdadeiros e legítimos dono dessa terra, pois quando os europeus invadiram no Brasil, já encontraram os indígenas vivendo neste território.

De acordo com alguns pesquisadores e o processo histórico estima-se que no antepassado antes da invasão europeia havia um total de 3,5 a 5 milhões de indígenas que habitavam de forma espalhada e estavam presentes em toda a extensão do território brasileiro com mais de 1.000.000 línguas faladas.

Conforme a história e pesquisas já desenvolvida por vários autores sobre a chegada dos europeus no Brasil, a primeira embarcação marítima foi guiado por Pedro Alvares Cabral e juntamente com ele vieram aproximadamente 1500 pessoas. Após o contato com os indígenas, iniciou - se o ensino de uma nova religião cristã iniciando pela fase da missa, posteriormente vieram as novas imposições.

Com a instalação dos europeus no Brasil, o povo indígena deixou de viver somente a própria cultura, o que acarretou um grande choque e confronto cultural com um povo estranho que jamais foi visto pelos povos indígenas. Nesse período iniciava-se a escravização contra os povos nativos que jamais teriam a liberdade de viver conforme os costumes e as tradicionais.

Após o domínio dos europeus sobre os povos indígenas, foram tomadas algumas medidas para que os que fossem ensinadas não tivessem o direito à liberdade, mas que tivessem dedicação exclusiva para receber os ensinamentos. Uma das medidas na época se caso os indígenas escolhidos recusassem os ensinamentos como o ensino da língua portuguesa, o castigo seria de fazer os indígenas de escravos.

Nesse sentido, Freire & Malheiros (ibid., p. 39 et seq.) enfatiza que foram realizadas três formas de recrutamento dos povos indígenas após o domínio. Ainda, de acordo com o autor a forma de recrutamento dos povos indígenas foram classificadas em três etapas que foram:

- I- Direitos de tutela sobre os seus administrados, considerados menores pelo direito civil.
- II- O direito de administração era inalienável, embora transmissível aos herdeiros do administrador e a venda do índio só ser permitida em caso de pagamento de dívidas.
- III- Por parte dos índios, a única possibilidade legítima de deixarem a condição de escravo era através da carta de alforria.

A invasão europeia trouxe várias consequências desvantajosas e drásticas para os povos indígenas, principalmente o direito à liberdade e o apagamento cultural e linguístico indígena através da imposição forçada de uma nova cultura além do ensino da língua portuguesa, uso de remédios manipulados, uso de roupas de tecidos e a ensino da religião católica.

Atualmente no século XXI, a perda ou até mesmo a extinção das línguas indígenas é um fator preocupante, sendo um resquício que os indígenas que viviam no passado sofreram, sendo considerado como um fator gravíssimo, pois a perda cultural e principalmente da língua pode levar a extinção de um povo.

Por isso, a revitalização e o ensino da língua das etnias indígenas do Brasil devem prioridade, podendo ser ensinadas em casas no convívio familiar e também nas escolas indígenas.

A situação das línguas indígenas brasileiras é extremamente grave, seja do ponto de vista da perda do conhecimento linguístico e cultural que o desaparecimento de qualquer língua implica, seja do ponto de vista da desintegração social e espiritual de cada um dos povos que, com a perda da língua sob pressão externa, têm destruídos seus valores tradicionais sem tempo para a incorporação ou o desenvolvimento de novos valores, o que os leva ao empobrecimento e à marginalização social. Para atalhar o curso das perdas ocorridas neste meio milênio de confronto entre indígenas e alienígenas nesta parte do mundo, fazem-se necessárias ações enérgicas e urgentes, tanto de política social quanto de política científica, para assegurar o equilíbrio mínimo imprescindível para a sobrevivência sadia das minorias em convívio com a sociedade majoritária e para salvar, para os próprios povos indígenas e para a ciência humana, o conhecimento das duzentas línguas que ainda sobrevivem e cuja preservação é irrecusavelmente a obrigação de todos nós, linguistas ou não, que temos condições de perceber a importância das línguas e a gravidade da situação a que foram levadas as minorias linguísticas indígenas. (Rodrigues 1993:100-101).

Não tem como falar sobre os indígenas terena sem mencionar o tronco linguístico Aruak, pois a língua terena é umas das línguas indígenas que se origina do tronco linguístico Aruak, de onde se origina demais línguas indígenas que estão espalhadas pelo Brasil e demais países vizinhos. Após a chegada dos europeus no território brasileiro e com a imposição do ensino da língua portuguesa, muitas línguas indígenas foram extintas e outras começaram a sofrer mudanças ou variações com o passar do tempo.

Em relação a fala da língua terena entre os indígenas que vivem nas aldeias de zona rural e comunidades indígenas de centros urbanos, é perceptível observar as constantes variações linguísticas sobre a influência da língua portuguesa principalmente na fala dos jovens indígenas. Acerca da fala da língua indígena, no Brasil há um total de 1.693.535 indígenas com 274 línguas faladas e 305 etnias diferente conforme o Censo Demográfico realizado pelo IBGE (2022).

No Brasil, há várias línguas indígenas que se originam a partir outros troncos linguísticos. Sendo assim, descrever sobre todas as línguas indígenas existentes no território brasileiro é complexo mas cabe aqui enfatizar que as línguas indígenas se originam a partir de outros troncos linguísticos. Às vezes, a partir de um único tronco linguístico origina-se várias línguas indígenas.

Dentre os troncos linguísticos indígenas conhecidos podem ser citadas o Tupy, Macro-jê e o Aruak de onde se ramificam uma diversidade de línguas indígenas brasileiras. Diante desse contexto sobre os troncos linguísticos, abaixo está inserida a imagem do tronco linguístico Aruak e suas ramificações, originando várias línguas indígenas existente espalhadas pelo território brasileiro.

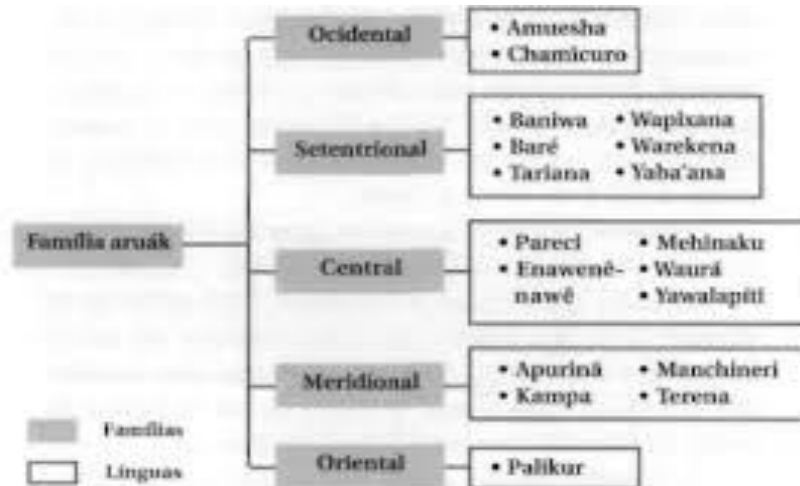


Imagem 01 - Línguas Indígenas da Família Aruak

Fonte: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>

Em relação a perda cultural e linguístico, cabe aqui ressaltar que após o domínio dos europeus, muitas etnias indígenas foram extintas com o passar do tempo, muitos foram feitos de escravos sendo forçados a trabalhar. Quando há um apagamento cultural, o próximo passo é o apagamento linguístico que posteriormente acaba resultando na extinção de um povo.

O desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou de caça de escravos, movida pelos europeus e por seus descendentes e propostos, ou em virtude das epidemias de doenças contagiosas do Velho Mundo, deflagradas involuntariamente (em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos indígenas; pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio e, portanto, de seus meios de subsistência, ou pela assimilação, forçada ou induzida aos usos e costumes dos colonizadores. (Rodrigues, 2002, p 18-19).

É lamentável e triste ao mesmo tempo descrever sobre a história do período em que ocorreu a invasão europeia no Brasil, onde muitos indígenas foram judiados e massacrados e mortos pelos europeus conhecido como purutuye (homem branco) na língua indígena terena. Nessa época de genocídio, muitos indígenas perderam suas vidas na luta em defesa de seus territórios, e essa luta para conquistar e recuperar o território perdido para os purutuye que são os grandes latifundiários continua até os dias atuais.

Abaixo está inserida a imagem ilustrativa sobre o domínio e o massacre dos europeus contra os povos indígenas na invasão do Brasil ocorrido no ano de 1500, onde houve um grande extermínio e genocídio dos povos nativos.

Esta realidade de luta e confronto com os fazendeiros para a recuperação territorial indígena permanece até hoje no estado de Mato Grosso do Sul com etnias Terena e Guarani-Kaiowá onde muitos já perderam suas vidas em defesa de seus territórios. As lutas territoriais

se estendem para demais estados brasileiros onde há indígenas, onde também muitos indígenas já perderam vidas.

O confronto devido as questões territoriais, prática de garimpo ilegal em terras indígenas e retirada de madeiras tem ceifado a vida de vários líderes indígenas espalhadas pelo Brasil, como ocorreu com os primeiros indígenas na época da invasão europeia ilustrada na imagem a seguir.



Imagem 02 - Confronto dos europeus contra os povos indígenas

Fonte: <http://nodeoito.com/povos-indigenas-massacre/>

A presença e a convivência dos purutuye (não indígenas) nas aldeias indígenas após a chegada dos espanhóis, provocou um grande impacto e uma grande perda cultural e de apagamento linguístico acarretando em várias mudanças na vida dos povos nativos, afetando principalmente língua, a crença, as religiões, os hábitos alimentares etc.

Com a chegada dos europeus no Brasil, trouxeram consigo as doenças contagiosas que acabaram contaminando e consequentemente ocasionando a morte de muitos indígenas que não tinham imunidade suficiente para combater essas doenças desconhecidas mesmo que soubessem fazer remédios naturais para usar contra as doenças que comumente surgia nas comunidades indígenas, mas que era tratado com uso de ervas medicinais tradicionais.

Após o primeiro contato com os indígenas segundo os relatos descrito em livros de história do Brasil, os europeus acreditavam que os indígenas não eram poderiam ser considerados como seres humanos e também acreditavam que os indígenas não tinham alma, sendo chamado de selvagens.

Quando os europeus descobriram de que os indígenas também tinham alma, pois também eram humanos, poderiam ser ensinados, e assim iniciou-se o processo de evangelização e a aula de catequese pela ordem da igreja católica.

Posteriormente algum tempo após a invasão europeia no Brasil em 1500, os padres Jesuítas missionários buscaram uma forma de aprender uma língua indígena para poder dialogar, essa língua ficou conhecida como língua geral, que era um idioma que misturava a língua portuguesa e a língua nativa, e assim começaram a ensinar a língua portuguesa para que depois os indígenas viessem a aprender a religião cristã.

O ensino forçado da língua portuguesa tinha como intuito catequizar os indígenas e impor uma nova crença totalmente diferente da crença tradicional dos povos nativos. Com isso, os indígenas estariam recebendo uma nova formação de fé cristã e a religião católica, onde o símbolo da cruz tinha como significado a salvação da alma.

Após a chegada dos europeus a catequese foi um dos ensinamentos religioso imposto aos povos originários que tinham e tinham como foco principal ensinar às crianças indígenas, pois de acordo com a concepção dos padres jesuítas acreditava-se que as crianças eram mais fáceis de serem dominadas e ensinadas. Abaixo está inserida a imagem que ilustra a catequização dos indígenas através do uso da cruz.



Imagem 3 - Ensino da Religião Cristã

Fonte: <http://www.poeteiro.com/2018/03/historia-do-brasil-catequese-dos.html>

Esse domínio e a imposição de uma nova cultura aos indígenas, vinha acompanhado de interesses, não somente com o interesse de ensinar uma nova cultura, uma nova religião mas tinham também interesses por terras para produção agrícola e seu usufruto, além do interesse por madeiras, ouro e pedras preciosas.

Segundo a afirmação de Bittencourt e Ladeira (2000), cada povo tem momentos importantes marcados por acontecimentos que levam a mudanças na vida e na comunidade. Esses momentos surgem entrelaçados a vários acontecimentos e permanecem na memória de todos. Relembrar esses momentos e buscar entendê-los é importante para que se possa perceber os acontecimentos presentes e como eles estão ligados a esse passado.

Os invasores europeus, viam os indígenas como pessoas não civilizadas e como selvagens. Essa mentalidade traz uma ideia de discriminação e preconceito contra os povos indígenas que perdura há anos e está presente até os dias atuais. No ponto de vista da sociedade contemporânea o indígena deveria viver somente na aldeia caçando e pescando sem a necessidade de estudar em universidades, progredir e galgar espaços em setores públicos, privados e na política brasileira.

Com a criação e promulgação da Constituição Federal de 1988, os direitos de viver de acordo com os costumes tradicionais e o ensino na língua no processo de ensino-aprendizagem nas escolas indígenas foram garantidos pela Constituição Federal. A partir dessa Lei, os povos originários tiveram os direitos indígenas garantidos que está vigor até hoje no século XXI, fazendo com que haja políticas públicas voltadas para as áreas da preservação da língua materna, atendimento à saúde, moradia etc.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, os direitos indígenas estão inseridos e garantidos conforme inserido no Art. 231: “*São conhecidos aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarcá-las, proteger e fazer respeitar seus bens*”.

O ensino e o estudo da língua nas escolas indígenas são amparados pela Constituição Federal de 1988, no art. 210 que afirma: “*O ensino Fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processo próprio de aprendizagem*”.

Por mais que haja esta garantia perante a Lei sobre os direitos indígenas, é necessário que haja uma política pública que atenda várias áreas como educação, saúde e moradia, questões territoriais para as populações indígenas para que tenham uma vida digna de sobrevivência. Na maioria das vezes, esses direitos são garantidos conforme a Constituição Federal de 1988, mas não são cumpridas de fato como deveria ser no atendimento das demandas das comunidades indígenas.

Por isso, as populações indígenas no Brasil têm enfrentado muitas dificuldades quando se refere a garantia dos direitos de sobrevivência, mas são povos resistentes e partem para o

enfrentamento em busca de seus direitos como cidadão amparado pela Constituição Federal de 1988. A luta indígena vem ocorrendo há muito tempo, principalmente pelas questões territoriais quando os europeus tomaram a maior parte das terras no período da invasão. Esse fato histórico afetou drasticamente o cotidiano dos indígenas nas questões das perdas culturais e tradicionais, tendo o reflexo até os dias de hoje em todas as etnias indígenas brasileiros.

Para dar o prosseguimento sobre os conhecimentos indígenas, é importante ressaltar que é preciso conhecer as especificidades dos povos indígenas. Sendo assim, abaixo está descrito especificamente a história do povo Terena.

2.1 A ORIGEM DA HISTÓRIA DO POVO TERENA

Para conhecer e entender um pouco da história do Povo Terena é preciso recorrer às pesquisas e artigos científicos sobre a história do Povo Terena que já foram registrados e publicados como também o conhecimento através de relatos dos anciões que vivem na aldeia, através de suas experiências já vividas ao longo dos anos.

A etnia terena é conhecida através de várias identidades indígenas que o identificam como a língua terena, artesanato (arco, flecha, pulseiras, cocares), pinturas, grafismo cerâmica, tecelagem, danças, crenças, comidas típicas com lapapê, hîhi e póreo.

Estima-se de acordo com a história de que a quantidade populacional indígena existente no Brasil e a quantidade de línguas falada antes da chegada dos espanhóis era bem maior do que no tempo atual. Ao longo do período da colonização, houve o desaparecimento de vários povos indígenas e conseqüentemente a extinção de várias línguas indígenas.

Ao longo dos séculos após a invasão europeia, a cultura não indígena foi imposta aos povos originários e traz os reflexos até os dias atuais, o que acarretou situações desfavoráveis em a relação vivência da cultura tradicional indígena, principalmente das perdas culturais em vários âmbitos como costumes e sobrevivência dos povos indígenas.

De forma geral, umas das situações mais agravante para os povos indígenas no Brasil após a invasão europeia foi a perda do territorial, perda cultural, perda de costumes e o mais agravante, a perda da língua indígena. Cabe ainda ressaltar que a imposição de uma cultura totalmente estranha que é a “cultura branca”, tem gerado um choque cultural para os povos originários, acarretando em várias mudanças no modo e hábitos de vida e sobrevivência dos povos indígenas que se reflete até os dias atuais.

Em relação a origem do Povo Terena há algumas pesquisas que relatam de como surgiu os Terena. Nesse sentido, são encontradas histórias e mitologias sobre a origem do Povo Terena onde dentro da história, os personagens que fazem parte da história são as aves e animais.

Ainda, sobre a origem dos Terena é relatada pelos anciões Aldeia Cachoerinha, Miranda-MS, e também estão descritas por Bittencourt e Ladeira (2000, p. 23-24) sobre a origem e a descoberta do Povo Terena onde descreveram que:

Havia um homem chamado de Yurikayuvakae. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai nem mãe, era um home que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passinho olhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te vi. Este homem por curiosidade, começou a chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos Terena. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Ai Yurikayuvakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco.

Yurikayuvakae, preocupado queria comunicar-se com eles e ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia.

Finalmente ele convidou o sapo para fazer sua apresentação na frente, o sapo teve sucesso pois todos esses povos deram gargalhadas, a partir daí eles começaram a se comunicar e falaram para Yurikayuvakae que estavam com muito frio.

Ainda, são encontradas mais histórias sobre a origem do Povo Terena com outros autores, que diferenciam em algumas coisas, mas sempre é mencionado o Oreka Yavakai com acréscimos de outros animais que tiveram o contato com os povos indígenas, além do pássaro que é o bem-te-vi.

Diante do contexto sobre a história do povo Terena, é possível observar que há uma grande relação entre os animais e os povos indígenas desde os antepassados pois para os anciões, todos os acontecimentos vindouros que pode ocorrer em uma comunidade é anunciado a partir do canto de uma determinada ave. O contato próximo dos povos indígenas com a natureza traz uma reflexão sobre a origem do povo Terena baseado em alguns personagens como exemplo, as aves especificamente o bem-te-vi.

Além disso, o povo Terena é rico em conhecimentos culturais e tradicionais como exemplo as danças masculino e feminino, o grafismo, as pinturas corporais, artesanatos, tecelagem, as comidas típicas, as músicas, manipulação de remédios caseiros com o uso das ervas, crenças, mitologias, produção de alimentos e a preservação da natureza etc.

Uma das práticas tradicionais das mulheres terena, principalmente na região da aldeia Cachoerinha e aldeias vizinhas que está localizado no município de Miranda, é de tecelagem e

a prática de produzir cerâmica na produção de painéis e miniatura de animais feito com argila para decoração.

Como afirma Castilho et al. (2017, p. 196), a cerâmica terena é um elemento agregador junto com a Língua, colaborando de forma significativa para a preservação e testemunho da herança cultural dessa etnia. Um discurso de resistência, passado de geração em geração, e sendo um exemplo vivo da força identitária construída pelas mãos sábias de mulheres que perpetuam modos e saberes.

As mulheres indígenas terena através dos conhecimentos herdados dos ancestrais, fazem a prática do artesanato e cerâmica ao longo do tempo. Ainda, é importante ressaltar que os trabalhos na área de artesanato sempre foram desenvolvidos por algumas mulheres terena ao longo das gerações.

Dessa forma, Lima (1987), informa que a cerâmica indígena brasileira está ligada à área doméstica, constituindo domínio quase exclusivamente feminino, e a mulher terena, exceto na estação chuvosa ou em lugar de difícil acesso, tem o auxílio masculino na coleta do barro. “Em dia que se vai fazer cerâmica não se vai para a cozinha”, afirmação da ceramista terena.

Para que o trabalho na produção de cerâmica terena aconteça, a equipe de artesãos indígenas faz um planejamento para a coleta da argila de boa qualidade, pois é uma argila específica e na maioria das vezes não é retirado em qualquer, ressaltando ainda que há mais de 25 tipos de argila, onde uma delas é indicado para produzir cerâmicas.

Ainda, na maioria das vezes as argilas são coletadas nos campos longe das aldeias, e nesse período de coleta da argila a busca é feita pelos homens devido à distância e o peso da argila que trazem em grande quantidade.

Assim é a vida cotidiana de muitas famílias indígenas de artesãos nas aldeias no século XXI, sendo um dos trabalhos que garante o sustento de suas famílias com a venda dos artesanatos, seja na própria aldeia ou na cidade.

Uma das situações recorrentes é no momento da venda, onde os purutuye (não indígenas), na maioria das vezes, não querem pagar pelo valor do artesanato, por isso, é necessário que os artesãos valorizem seus trabalhos no momento da venda, pois para construir uma cerâmica não é tão fácil, passa por um longo processo até a sua fase final.

A seguir, está descrito o tronco linguístico Aruak de onde se originou a língua terena e demais línguas indígenas espalhadas pelo Brasil que somam no total 274 línguas indígenas diferentes e 305 etnias. Cabe aqui ressaltar que há outros troncos linguísticos que deram origem

as outras línguas indígenas existentes no território brasileiro como também as línguas nos países próximos.

Dentre as línguas indígenas existentes no Brasil, elas nunca se repetem, por mais que haja uma variedade de etnias. Dentro do estudo linguístico, cada língua indígena possuía a fonética, sintaxe, semântica morfologia, fonologia e acentuação gráfica. As palavras indígenas jamais poderão ser escritas sem acento, caso seja suprimido, a palavra sem acento pode trazer outro sentido da palavra podendo mudar todo o sentido do contexto de uma palavra e até mesmo de uma frase.

2.2 Aruak

Todas as línguas existentes no planeta se origina a partir de vários troncos linguísticos existentes que se ramificam em várias classes. Se tratando disso, as línguas indígenas existentes e faladas no Brasil possuem os seus troncos linguísticos que dão origem a várias línguas indígenas. Na atualmente, as línguas indígenas oriundas do tronco linguístico Aruak estão presentes entre vários povos indígenas espalhadas pelo Brasil, citando como um dos exemplos a língua terena.

Segundo Silva (2019), a denominação Aruak vem dos povos que habitavam ao norte do Brasil como também algumas ilhas da América Central nas regiões da Antilhas. Quando os europeus começaram a dominar a região, os Aruak dividiam e disputavam o mesmo espaço com outros indígenas, os Karib. De acordo com pesquisas já realizadas o tronco linguístico Aruak, se ramifica em várias línguas indígenas, de onde se origina a língua terena.

Aruak é a família linguística que agrupa maior número de línguas indígenas na região da América do Sul. Ainda, referindo-se a línguas indígenas, são faladas 16 línguas do tronco linguístico Aruak no Brasil.

De acordo com Rodrigues (2013), as línguas indígenas do tronco linguístico presente no Brasil são: apurinã (AM, AC), baniwa do içana (AM), kámpa (axaninka – AM, AC), kuripáko (AM), maxinéri (AC), mehináku (MT), palikúr (AP), parecí (MT), salumã (MT), tariána (AM), terena (MS), kinikinau (MS), wapixána (RR), warekéna (AM), waurá (MT) e yawalapití (MT).

Como afirma em algumas pesquisas já realizadas, as línguas indígenas de origem Aruak são faladas não apenas no Brasil, mas ela se estende para demais países vizinhos como o Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela etc.

Além disso, é importante ressaltar que por mais que há várias línguas que se originam a partir do tronco linguístico Aruak, muitas línguas indígenas desse tronco linguístico foram extintas.

No Brasil, o único povo indígena que tem em seu idioma a língua que se origina do Aruak e está concentrado na região Sul do continente americano são os indígenas da etnia Terena que moram em várias comunidades indígenas no estado de Mato Grosso do Sul.

Por mais que as línguas indígenas se originam de um mesmo tronco linguístico como o Aruak, as línguas podem apresentar várias diferenças se comparado com o dialeto e sotaque usado nas diferentes comunidades de etnias indígenas brasileira.

Assim, entre os indígenas terena falantes da língua, é perceptível que há uma variação e até mesmo uma diferença na fala de uma comunidade para a outra. Isso ocorre principalmente na fala dos anciões se comparado com a fala das crianças e jovens indígenas, que na maioria das vezes já falam a língua indígena de forma aportuguesada.

O próximo assunto está descrito sobre a trajetória do Povo Terena ao longo do tempo, trazendo os momentos marcantes de luta e resistência em defesa dos territórios e o confronto constante contra a imposição de uma cultura diferente trazida pelos europeus desde o período da invasão do Brasil, que sempre tinha como objetivo aculturar os povos indígenas impondo ensinamentos da cultura europeia.

2.3 Linha do Tempo dos Terena

Ao longo do tempo, o Povo Terena tem passado por vários momentos marcantes em toda sua história, e de acordo com pesquisas já realizadas, houve três grandes acontecimentos marcante para o povo indígena Terena na história do Brasil.

De todos os acontecimentos já vivenciados, o que é mais preocupante é refletir sobre o futuro do terena com o uso constante da língua portuguesa sabendo - se que em muitas comunidades indígenas de zonas rurais como de comunidades indígenas de contexto urbano, muitos já não falam a língua terena, principalmente os mais jovens.

Segundo a afirmação de Silva (2019), houve três períodos marcantes na história e memória do Povo Terena. O primeiro foi a saída do Êxiva, transpondo o Rio Paraguai e a ocupação da atual região do estado de Mato Grosso do Sul. Todos esses acontecimentos perduraram por muitos anos, com migrações principalmente na região pantaneira no decorrer do século XVIII.

Nesse período, os Terena ocuparam uma grande parte do território, se dedicando no trabalho com a terra, principalmente no desenvolvimento da agricultura para subsistência. Com o passar dos anos os indígenas foram perdendo as suas terras para os grandes latifundiários, e assim as terras foram reduzidas para a população indígena.

O segundo período significativo e muito importante para o terena foi a Guerra do Paraguai que ocorreu no ano de (1864-1870) especificamente na região sul do estado de Mato Grosso e que atualmente é a região do estado de Mato Grosso do Sul após a divisão do estado.

O terceiro período foi a delimitação das Reservas Indígenas Terena, iniciando com a chegada da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas chefiadas por Rondon, por onde passou as delimitações territoriais e conseqüentemente a construção das aldeias indígenas terena na região do município de Aquidauana e Miranda, onde essas aldeias estão concentradas até os dias atuais.

Na Guerra do Paraguai, os países que participaram foram o Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Os portugueses, juntamente com os indígenas Terena e Guaicurus que habitavam nas regiões próximas ao Rio Paraguai, tiveram a participação na guerra em defesa do território brasileiro.

A união dos militares com os indígenas terena na Segunda Guerra Mundial na luta e defesa do território brasileiro foi uma importante estratégia de combate, pois os indígenas guerreiros conheciam bem a região e a localização por onde ocorreu a guerra.

Dessa forma, a contribuição dos indígenas terena durante a guerra foi importantíssima, o que garantiu o território onde o Brasil venceu a guerra. Por trás de toda essa “união” por parte dos militares brasileiros com a ajuda dos indígenas pela luta e defesa e do território, haviam um interesse por parte dos militares, ou seja, dos que lideravam a tropa para o enfrentamento durante a guerra contra os paraguaios.

Em relação à Guerra do Paraguai, Sebastião (2012) afirma em sua pesquisa que os relatos orais contam que uma das táticas exercida pelo terena durante o período de guerra era realizar ataques nos períodos noturnos contra os acampamentos dos inimigos, onde obtinham sucesso. Ainda, a autora ressalta que além da participação direta do terena na guerra do Paraguai, e alguns já eram incorporados no exército brasileiro, e muitos já tinha sido combatente na Segunda Guerra mundial da Itália dentre eles: Belizário Thomas da Silva, da aldeia Água Branca, Irineu Mamede, da Aldeia Água Branca, Leão Vicente, da Aldeia Bananal, Aurélio Jorge, da Aldeia de Anastácio.

Durante o período da guerra, uma grande parte dos indígenas ou famílias indígenas se refugiaram para locais distante onde aconteceu a guerra e lá construíram novas aldeias indígenas, onde essas aldeias são conhecidas até os dias de hoje, que são: Aldeia Cachoerinha e Aldeia Bananal, na região do Município de Miranda e Aquidauana.

De acordo com várias pesquisas já realizadas em relação à guerra do Paraguai, um dos grandes interesses dos purutuye (não indígena) era defender o território, posteriormente se

apropriar dela para a obtenção de lucro e rentabilidade através da construção de fazendas para o desenvolvimento da pecuária e a prática de agricultura em grande escala.

Segundo Vargas (2003), após a guerra que se intensificou a formação e o desenvolvimento das fazendas na região e a construção das cercas que separavam e demarcavam as recém-criadas propriedades particulares. O que eram terras indígenas tornavam-se propriedades particulares, constituindo-se os índios Terena a sua principal mão-de-obra, utilizada para a manutenção e desenvolvimento das mesmas, inserindo-os nos trabalhos braçais.

Os indígenas convocados para a guerra eram somente homens que tinham experiências e conheciam bem a região onde ocorreu o confronto que se estendeu na região conhecido hoje como a região pantaneira, localizado na região centro oeste do estado de Mato Grosso do Sul.

Abaixo está inserido a imagem dos indígenas guerreiros da etnia Terena que tiveram a participação e sobreviveram após o término da Guerra do Paraguai e voltaram para suas aldeias de origem, mas também morreram muitos indígenas na luta em defesa do território.

Os guerreiros indígenas que sobreviveram voltaram para a suas aldeias como heróis e são lembrados até os dias de hoje pelos indígenas terena, pois lutaram não apenas para ajudar o exército brasileiro mas lutaram pela defesa dos territórios indígenas, para que assim pudesse garantir o território para as futuras gerações.



Imagem 4 – Indígenas Terena que lutaram na guerra do Paraguai.
Foto: Acervo da comissão Rondon s/d.

Após a guerra, os indígenas sobreviventes foram considerados heróis quando chegavam em suas aldeias, sendo homenageadas e condecoradas pelos militares brasileiros sendo nomeados como capitão em suas comunidades indígenas. A partir desse período Pós-Guerra iniciou-se a nomenclatura capitão que perdurou por muito tempo entre os indígenas da etnia Terena.

A partir desse período, as comunidades indígenas foram lideradas por um capitão possuem suas organizações sociais através do trabalho realizado pelo capitão da aldeia. Atualmente o líder nas comunidades para o terena é chamado de cacique, que anteriormente há 50 anos atrás era chamado de capitão, o que ainda permanece na etnia Guarani.

De acordo com a pesquisa, Rohde, alemão que durante os anos de 1883-84 foi responsável por uma missão científica realizada pelo Museu de Berlim na região de Mato Grosso, também evidenciou em seus escritos a importância que os índios Terena tiveram durante o conflito platino; segundo suas informações os Terena, prestaram bons serviços para o exército brasileiro e como recompensa desse trabalho, alguns caciques receberam patentes como alferes. Sendo assim, o autor ainda afirma que:

(...). Na guerra do Paraguai ofereceram aos brasileiros bons serviços e, em consequência disso, alguns caciques do Brasil receberam patentes como alferes, que me mostraram com muito orgulho e me pediram para lhes ler. (...) Cada aldeia tem um comandante (sub-chefe) e sobre a tribo toda está um cacique, que recebeu da nação brasileira uma patente de capitão. Este chefe de todos os Terenos recebeu-me amigavelmente, mostrou-me imediatamente a sua patente depois a fotografia do imperador D Pedro II, que ele chamou de seu amigo.

Para Altenfelder Silva (1949), os Terena, logo após o fim da guerra, encontravam-se nas seguintes localidades:

Pouco após a campanha do Paraguai, habitavam os Terena, segundo eles próprios informam, as seguintes aldeias: Ipegue (em área compreendida entre as atuais aldeias de Ipegue e Bananal); Imokovookoti (nas imediações da atual aldeia de Cachoeirinha); Tuminiku (nas proximidades da atual aldeia de Bananal); Coxi (próxima ao córrego de Taquari); Naxe-Daxe (nas proximidades do córrego do mesmo nome); Háokoé (nome Terena para a fruta do pindó; situava-se a aldeia a uma légua de Tuminiku); Moreira e Akuleá (ambas nas proximidades de Miranda); Kamakuê (próxima à atual aldeia de Duque Estrada); Brejão (próxima a Nioaque); Limão Verde (próxima a Aquidauana); Cerradinho (na área do atual Município de Campo Grande). Nessa época estimavam-se os Terena entre 3 e 4 mil.10 (destaque no original).

No período pós-guerra, houve uma grande mudança dentro do contexto em relação à vivência indígena, principalmente o contato direto com os não indígenas conhecidos pelos Terena como Purutuye, o que resultou em uma nova forma e estilo de vida dos indígenas, culminado em mudanças de hábitos alimentares, costumes, religião e principalmente o aprendizado da língua portuguesa e demais conhecimentos do “homem branco”.

A perda cultural após a guerra tornou-se um problema, principalmente com relação à aniquilação da língua Terena e o constante uso da língua portuguesa pelos indígenas só foi se intensificando. O trabalho para a revitalização da língua terena nas comunidades é preocupante pois de uma certa forma os indígenas que vivem em várias aldeias já deixaram de falar a língua indígena, optando em falar na língua portuguesa.

Essa realidade de falar na língua portuguesa com frequência se expandiu de tal forma para várias aldeias indígenas da etnia Terena do Estado de Mato Grosso do Sul e esta realidade da fala da língua portuguesa só vem aumentando com o passar dos anos.

Assim essa pesquisa teve como objetivo trazer a descrição da mitologia Terena através dos relatos dos anciões, valorizando a fala da língua terena, para que esses conhecimentos da mitologia indígena não se percam, mas que sejam ensinadas para as futuras gerações que darão o prosseguimento da cultura, costumes e tradições culturais nas comunidades indígenas Terena.

A participação dos indígenas na guerra trouxe várias desvantagens para as populações indígenas, pois o período após a guerra, houve a perda territorial dos indígenas, assunto este que será discutido a seguir.

2.4 O Terena após a Guerra

Como afirma Vargas (2011), os terena estabeleceram - se em seu território brasileiro em meados do século XVIII, principalmente as margens do Rio Aquidauana e Miranda, onde localizavam as principais aldeias nessa época. Ainda, ao término da guerra, os indígenas restabeleceram relação de amizade, mantidas com as autoridades brasileiras e, por delas, reivindicaram junto ao Estado o direito de permanecer nas terras que ocupavam.

Dessa forma, interagiam com a política indigenista que se desenvolvia e contribuía para o processo de legalização de suas terras, a qual se constituíram como as primeiras reservas indígenas, ou comunidades indígenas na atualidade

De acordo com Bittencourt e Ladeira (2000, pág.76), a Guerra chegou ao fim no ano de 1870, quando os terena retornaram para as suas antigas aldeias destruídas pelo combate e assim construíram e formaram novas comunidades indígenas ou aldeias.

Devido a intensidade da guerra que durou algum tempo, muitas aldeias indígenas foram atacadas, queimadas e destruídas sem condições de recuperação, mas os indígenas sobreviventes e demais indígenas que se protegeram durante a guerra tiveram que construir uma nova aldeia.

A partir daí muitas áreas indígenas foram disputadas pelos novos proprietários de terras, para a construção de fazendas para criação de gado. Com isso, os indígenas foram construindo novas aldeias e foram se concentrando em locais distantes uma das outras formando novamente novas comunidades indígenas, das quais existem atualmente.

Após a guerra, com o aumento populacional indígena terena ao longo dos anos, a extensão territorial habitada pelo terena tornou-se insuficiente para abrigar todos os indígenas e também devido a qualidade do solo que na maioria das vezes são áreas montanhosas com muitas pedras e solo infértil, sendo incapaz de desenvolver algum tipo de cultivo.

Dessa forma, com a redução territorial impossibilitou o desenvolvimento da prática da agricultura por parte de muitos indígenas, o que acabou gerando vários problemas para os povos indígenas como: quantidade insuficiente de terras para todos os indígenas, desmatamento em grande proporção próximo às aldeias, redução de animais e peixes, contaminação de córregos e lagos existente nas aldeias etc.

Com a criação de fazendas próximos as aldeias, fez com que houvesse trabalho de campo e na maioria das vezes com o uso da mão-de-obra indígena. Por outro lado, por ser uma propriedade particular, tornou-se uma área restrita e os indígenas já não poderiam fazer a prática da caça, pesca e a colheita de frutos nativos para a sobrevivência.

Assim, com a redução territorial os povos indígenas começaram a sofrer as consequências que interferiu drasticamente na maneira de sobrevivência principalmente no período pós a guerra, onde a etnia Terena perderam uma grande parte da cultura, como a perda da língua terena, e alimentos industrializados. Mesmo os povos indígenas passando por vários sofrimentos causado pelo “homem branco”, nós povos indígenas somos resistentes e nunca desistimos de lutar, começando pela luta e defesa do território indígena.

Atualmente no século XXI, para os povos originários houve uma conquista inédita dentro do governo brasileiro na gestão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pois houve a criação do Ministério dos Povos indígenas, composto por indígenas competentes nas mais variadas grau de formação de nível superior e líderes indígenas de diversas etnias, tendo como objetivo principal trabalhar em prol dos povos indígenas espalhadas pelo Brasil e também lutar pela demarcação das terras indígenas no Brasil.

Recentemente no mês de agosto de 2023, houve uma eleição pelos ministros do Supremo Tribunal Federal em Brasília sobre o Marco Temporal, mas essa votação ainda se encontra em andamento.

A redução territorial especificamente no estado de Mato Grosso do Sul afetou drasticamente a vida dos povos indígenas, e com o passar dos anos o número na quantidade de indígenas só vem crescendo atualmente, assunto que estará sendo discutido a seguir.

2.5 O Processo Histórico dos Terena em Mato Grosso do Sul

O povo Terena atualmente é considerada a terceira maior população indígena do estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com pesquisas e levantamentos realizadas através do Censo Demográfico pelo IBGE (2022), no estado de Mato grosso do Sul há 116,300 indígenas ficando atrás do estado da Bahia e Amazonas.

Os indígenas terena sempre habitaram regiões próximo de rios como o Rio Miranda e Rio Aquidauana e construíram várias aldeias após a guerra do Paraguai e permanecem habitando nessas regiões até os dias atuais. Atualmente há várias aldeias indígenas da etnia Terena na região centro oeste do estado de Mato Grosso do Sul, além das retomadas onde há também uma grande quantidade de famílias indígenas.

De acordo com pesquisas já realizadas, diversos autores descrevem que sempre houve a divisão entre os Terena dentro de sua organização social, categorizando em dois grupos distintos, os Xumonó e os Sukirikianó. Dentro deste contexto Cardoso Oliveira (1976, p. 35-36) destaca que:

Tradicionalmente, a estrutura social Terena estava dividida em dois grupos distintos e socialmente sobrepostos: o grupo dos cativos ou Kauti (neologismo criado para designar os “cativos” obtidos na guerra ou nas sortidas organizadas para captura) e o grupo social dominante Xané, o grupo “daquele que somos nós” os Terena propriamente dito e que se dividiam por sua vez em dois grupos: um, os dos “chefes” e suas parentelas denominados Nati, e os do homem comum ou o povo, denominado Waherê. O casamento entre esses dois grupos era vetado. Dividiam-se ainda os Terena, com exclusão do Kauti, em duas metades cerimoniais, Xumonó e Sukirianó, cujas funções era regulamentar o comportamento mágico-religioso.

Abaixo está inserida a imagem onde se localiza o povo Terena e a sua maior concentração da etnia Terena, está no estado de Mato Grosso do Sul. Ressaltando que atualmente há uma grande concentração de indígenas terena nas comunidades de zona rural como também em contexto urbano em vários municípios sul mato-grossense.

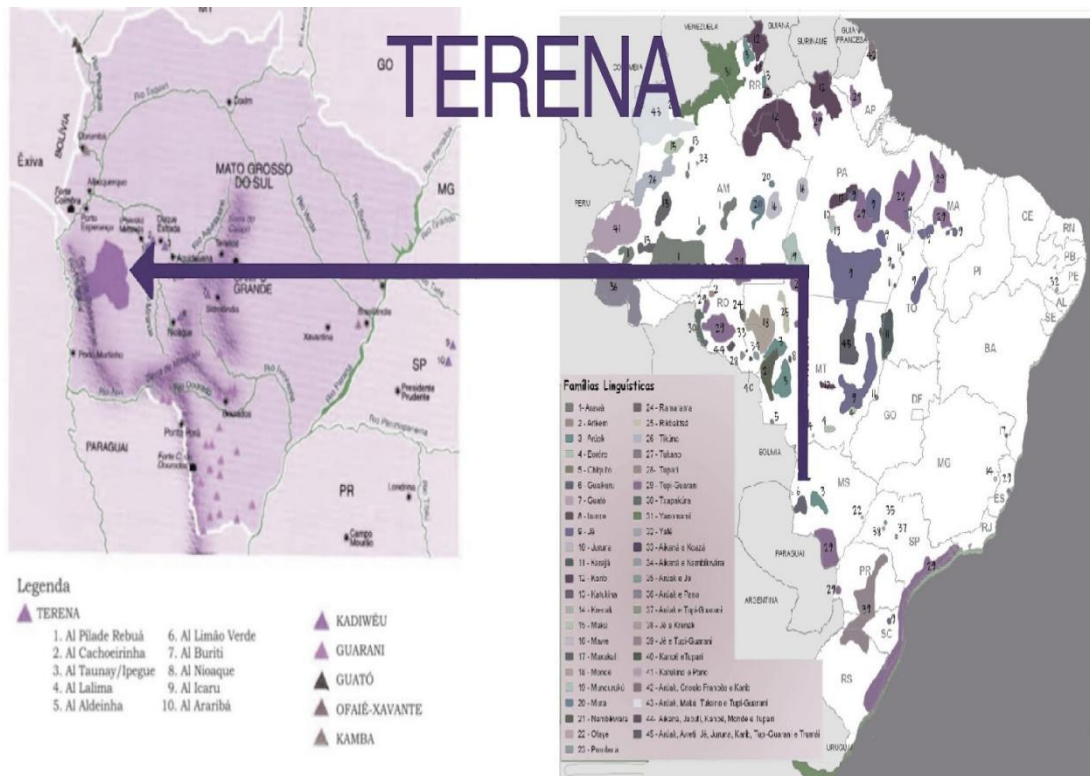


Imagem. 05. Localização dos indígenas Terena no MS.

Fonte: <https://indigenasbrasil.com/2019/06/terena.html>

Referindo - se sobre a localização e a concentração dos indígenas da etnia Terena, abaixo está descrito resumidamente sobre algumas aldeias terena pertencente especificamente no município de Aquidauana e Miranda, localizado na região Centro Oeste.

2.6 Indígenas Terena de Aquidauana e Miranda

No município de Aquidauana há uma grande concentração de indígenas da etnia Terena vivendo na terra indígena (TI), Taunay/ Ipegue onde há diversas aldeias que são: Aldeia Água Branca, Aldeia Bananal, Aldeia Colônia Nova, Aldeia, Imbirussú, Aldeia Ipegue, Aldeia Lagoinha, Aldeia Morrinho, Aldeia Jaraguá. Ainda, há mais aldeias Terena pertencente ao município de Aquidauana, localizado na terra indígena Limão Verde (TI Limão Verde).

Em algumas aldeias Terena, há presença de alguns indígenas da etnia Guarani Kaiowá, pois com a migração de alguns jovens Terena que sai de suas aldeias para trabalhar e estudar nas universidades, principalmente na cidade de Dourados-MS, acabaram se casando com indígenas da etnia Guarani Kaiowá, posteriormente após a conclusão de seus cursos de nível superior, retornaram para suas aldeias de origem constituindo suas famílias. Dessa forma vai acontecendo a missigenação e a interculturalidade ente os indígenas nas aldeias com a chegada de outras etnias que passam a conviver em meio ao povo Terena. As famílias indígenas fixam suas residências nas comunidades indígenas e fazem o desenvolvimento da prática agricultura de subsistência.

Como afirma Eloy Amado, áreas ocupadas atualmente são espaços de terras que foram reservadas, fruto da política oficial do Estado brasileiro adotado no início do século passado. Tais reservas federais são denominadas “terra indígena”, categoria jurídica instituída pelo estatuto do índio (Lei n. 6.001 de 1973). Assim, temos as seguintes terras indígenas (TI) Terena: (TI) Taunay-Ipegue, Limão Verde, (TI) Cachoeirinha, (TI) Pilad Rebuá, Lalima; (TI) Nioaque, Buriti, Aldeinha, Aldeia Tereré e N.S. Fátima.

Além dessas terras indígenas, registramos ainda a presença da população Terena vivendo em comunidades indígenas em áreas urbanas como no município de Campo Grande, como também na reserva indígena de Dourados, na terra indígena dos Kadiwéu no município de Porto Murtinho e nos estados de São Paulo e Mato Grosso.

Diante desse contexto sobre a existência de indígenas nas aldeias rurais pertencentes ao município de Aquidauana e Miranda, quero aqui ressaltar que muitas famílias que ainda não tem uma renda fixa através de aposentadoria por idade, para obter o sustento de suas famílias, eles desenvolvem a agricultura para subsistência.

Na tradição terena os filhos ajudam no plantio e nos cuidados do plantio até a fase de produção e colheita, obtendo produtos orgânicos, saudáveis e de qualidade, sendo muito importante para saúde humana.

Após a colheita dos produtos da agricultura, muitas mulheres se deslocam para a cidade de Aquidauana e Campo Grande e leva seus produtos da roça para vender em feiras livres e

também. Após a venda dos produtos, retornam para suas aldeias e assim continua o ciclo nos meses posteriores até a venda total de suas produções.

Assim, os indígenas têm as suas atividades ou desenvolvimento de trabalho dentro de suas aldeias e vivem com a venda de suas próprias produções, seja na agricultura de subsistência ou produção de artesanatos e cerâmicas. Ainda, muito pais de família saem das aldeias para trabalhar no corte de cana, nas fazendas, na colheita da maçã no estado do Rio Grande do Sul.

A seguir estará descrito um breve histórico dos povos indígenas Terena da Aldeia Ipegue, local onde foi realizado a pesquisa.

2.7 Breve histórico da Aldeia Ipegue

A Aldeia Ipegue é uma das aldeias mais antigas da região pantaneira habitadas por indígenas da etnia Terena, pertencendo a Terra Indígena (TI), Taunay/Ipegue, que está situada na Planície-Pantaneira sendo uma área de difícil alagamentos constantes em épocas chuvosas, sendo rodeados por diversas fazendas e matas ciliares, e distante de aproximadamente 8km do rio Aquidauana.

Quero aqui salientar que a Aldeia Ipegue é o local da pesquisa e também é a minha aldeia de origem, onde nasci e cresci e morei por 22 anos. No ano de 2006 tive que deixar a aldeia para cursar a faculdade na cidade de Dourados no Curso de Ciências Biológicas e concluindo o curso no ano de 2013.

Atualmente, a Aldeia Ipegue local da pesquisa é liderado pelo senhor Cacique Ademir Soares, juntamente com o seu vice Gerson Pio e suas lideranças pelo segundo mandato de 4 anos. Durante a gestão essas lideranças indígenas têm como missão zelar pela comunidade, desenvolver trabalhos principalmente na área da agricultura e buscar parcerias com o município de estados e governo federal e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para ter os atendimentos com na área da saúde, educação e trabalhos sociais para os moradores da comunidade local.

Nesta aldeia é perceptível observar que a maioria dos moradores principalmente as crianças e jovens já não falam na língua terena, restando ainda poucos números de falantes na maioria os adultos e poucos anciões que residem na aldeia.

Atualmente há poucos anciões que moram nesta aldeia e que ainda preservam a língua materna como também demais conhecimentos e saberes indígenas relacionado as mitologias indígenas, como exemplo as crenças e também o canto das anciãs indígenas na língua terena. Em relação especificamente sobre o canto das anciãs indígenas, as senhoras anciãs dessa aldeia fazem um canto na recepção de um parente que retorna para a aldeia depois de estar muito tempo fora da aldeia e também há um outro tipo de canto que elas fazem o momento da

despedida de uma pessoa que faleceu na comunidade, no momento do velório, onde esse canto é um canto triste.

Com o passar dos anos os conhecimentos e saberes indígenas estão se perdendo, muitos anciões estão falecendo devido à idade avançada e as jovens indígenas desta aldeia não estão tendo interesse em aprender os cantos que as anciãs indígenas praticam. Essa prática cultural sobre o canto na língua terena sempre foram realizadas pelas anciãs e nunca pelos homens.

Para a demonstração da extensão territorial atual, abaixo está inserida a imagem do mapa da Aldeia Ipegue. Aos arredores desta aldeia estão localizadas as fazendas que desenvolvem a pecuária, mas que atualmente foram retomadas pelos indígenas das demais aldeias existentes nessa região. Ressaltando que as fazendas próximas da Aldeia Ipegue foram retomadas no ano de 2013 pelos indígenas da Aldeia Ipegue e das demais aldeias vizinhas e permanecem morando na retomada até os dias atuais, onde há a organização social, sendo coordenado por um cacique.



Imagem. 6 Limite territorial da Aldeia Ipegue

Fonte: <https://maps.app.goo.gl/3qtQSjbn2BKPtZt7>

A aldeia Ipegue localiza-se há uma distância de 57 km do município de Aquidauana/MS. De acordo com pesquisas já realizadas, o relatório do estudo antropológico sobre a demarcação das terras indígenas já foi aprovado pela FUNAI, atualmente encontra-se suspenso pelo Ministério da Justiça sem previsão alguma para a resolução do impasse. Atualmente no ano de 2023, o projeto de Lei sobre a demarcação das terras indígenas está tramitando no Congresso Nacional em Brasília para ser votado, ainda sem previsão de uma resposta positiva para os povos indígenas do Brasil.

Vale aqui salientar que, de acordo com o relatório do estudo antropológico já realizado, fica determinado e que é de direito indígena que haja um aumento significativo o espaço territorial Terena de 6.462 ha para 33,900 ha na Terra Indígena (TI), Taunay/Ipegue, onde os indígenas poderão ter o usufruto sobre as áreas para a produção agrícola e agropecuária de subsistência.

Na Aldeia Ipegue, a maior parte dos indígenas já não falam na língua terena. Na maioria das vezes, os que ainda falam são as pessoas adultas e a maior parte são os anciões. Nesta aldeia, o principal trabalho desenvolvido anualmente é com agricultura familiar com o plantio de abóbora feijão, mandioca, maxixe, melancia e milho e também a criação de gado para subsistência. Essas práticas de atividades agrícolas sempre foram desenvolvidas pelos anciões terena desde o antepassado nessa aldeia, sendo uma prática tradicional indígena sem o uso de maquinários agrícolas.

No passado haviam muita roça desenvolvido pelos anciões de forma braçal e trabalhavam em forma de mutirão, onde as condições climáticas naquela época era favorável para o desenvolvimento de arroz, e essa realidade já não acontece nos dias atuais pois atualmente o sol é muito intenso com longos períodos de estiagem.

Ainda, há outras atividades desenvolvidas pelos indígenas Terena na aldeia, que é a prática da caça e a pesca, coleta de frutas nativas como guavira e demais frutas nativas e a extração de mel de abelha para o sustento próprio e também a retirada de lenha e coleta de plantas medicinais.

Para ter o acesso às aldeias da Terra Indígena (TI) Taunay-Ipegue, é necessário trafegar pela BR 262, entre o trecho no município de Aquidauana até Miranda. Do trevo na BR 262 dá acesso ao Distrito de Taunay que é de aproximadamente 10 km de distância.

Alguns anos atrás, a estrada de chão dificultava a locomoção de carros e ônibus e ambulância que faz linha da aldeia até a cidade de Aquidauana. Muitas vezes, os automóveis estragavam na estrada devido a péssima condição da estrada, principalmente em condições de

tempo chuvoso ocasionando um grande transtorno para todas as pessoas que precisavam ir até a cidade de Aquidauana ou Miranda para fazer compras ou fazer tratamento de saúde.

As dificuldades de péssimas condições de estrada para o acesso das aldeias para a cidade, jamais foram atendidas por parte do poder público, e as reivindicações para a pavimentação do trevo BR 262 até o distrito de Taunay sempre foram feitos pelos caciques lideranças indígenas que são os representantes maiores das aldeias. Muitos caciques e líderes indígenas que participaram da reivindicação do asfalto já se foram e não viram a concretização do projeto de pavimentação.

Nos últimos 20 anos após os anos 90, a pavimentação asfáltica sempre foi uma promessa por parte dos políticos que administram o município de Aquidauana e conseqüentemente as aldeias, pois no período eleitoral se dirigem para as aldeias com o objetivo de conquistar votos.

Recentemente, a dificuldade de péssimas condições de estrada de chão que dá acesso ao distrito de Taunay foi solucionada, sendo pavimentada e assim facilitando o deslocamento das pessoas que precisam trafegar por essa via de acesso até a BR 262 com destino até a cidade. Esse trecho pavimentado atualmente é conhecido como MS – 442, um projeto aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, onde esse projeto é conhecido como: “Oxené Kohó”, que traduzido da língua terena para a língua portuguesa como Caminho do Tuiuiú. O projeto de pavimentação foi concluído com êxito em 2021.

Essa pavimentação foi muito importante para a região do distrito e aldeias. Com isso, facilitou o tráfego de automóveis, acesso às pessoas nas fazendas próxima às aldeias, se estendendo para os entregadores de mercadorias, ônibus escolares, carros pequenos, ambulâncias e carros de feirantes que levam seus produtos para ser vendidos em feiras livres na cidade de Aquidauana e Campo Grande.

Abaixo está inserida a imagem do asfalto MS-442 que dá acesso ao distrito de Taunay e demais aldeias indígenas Terena. Esta obra foi concluída em dezembro de 2021.



Imagem 7- Asfalto MS – 442, acesso ao Distrito de Taunay; Foto: Saul Schramm.

Fonte: <https://www.acritica.net/editorias/geral/sonho-de-muitas-geracoes-asfalto-no-acesso-ao-distrito-de-taunay-em-aq/566973/>

Para chegar até a Aldeia Ipegue é necessário trafegar pela BR 262, entre os municípios de Aquidauana e Miranda. A BR 262, fica à uma distância de 17km da Aldeia Ipegue, onde há também demais aldeia como está inserida na imagem abaixo.



Figura. 08 Aldeias Terena da Terra Indígena (TI), Taunay/Ipegue.

Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/procedimento-do-mpf-acompanha-demarcacao-de-terra-indigena-taunay-ipegue.>

A organização social e espacial da Aldeia Ipegue segue os padrões de características de um espaço urbano, sendo liderado por um cacique e seus conselheiros, as casas são de alvenaria, ruas largas e cascalhadas, água encanada, rede elétrica, oficinas de carro e moto, posto e saúde, escola, comércio, feiras livres nos finais de semana, campo de futebol, igrejas e vários comércios.

Algumas famílias fazem a prática da agricultura para subsistência, outros desenvolverem alguns artesanatos como abanicos, flechas, móveis para adquirir uma renda extra para o sustento de suas famílias.

Atualmente, surgiu nessa aldeia indígena uma nova alternativa de produção de alimento que foi o desenvolvimento de horticultura, onde muitas famílias produzem em pequena escala para o próprio consumo e também para venda na própria comunidade, sendo uma forma de adquirir rentabilidade.

A seguir está descrito sobre a língua falada na Aldeia Ipegue, ressaltando que há uma história por trás que ocasionou o sufocamento da língua terena pela língua portuguesa, onde muitos jovens indígenas já não sabem e não querem aprender a falar na língua terena.

2.8 A Língua falada na Aldeia Ipegue

Ao longo dos anos a língua terena falada na Aldeia Ipegue foram se perdendo, essa perda da língua materna está ligada a vários fatores como: a morte dos anciões que falavam somente na língua materna o ensino da língua portuguesa na escola por professores não indígenas, o desinteresse das crianças e jovens em falar na língua terena, a migração de algumas famílias indígenas para fazendas próximas da aldeia pela procura de trabalho, migração de algumas pessoas tanto homens como mulheres indígenas solteiras para cidade em busca de trabalho e posteriormente casavam com não indígenas retornando para morar na aldeia etc.

Como afirma Silva e Souza (2019), a extinção das línguas indígenas no Brasil vem ocorrendo desde a época da colonização. Essa realidade da perda da língua é uma preocupação não muito distante, pois com a morte dos anciões, as novas gerações estão deixando de falar a sua própria língua materna, que é a língua terena mesmo morando na aldeia.

Atualmente, na Aldeia Ipegue os que ainda falam na língua terena são os mais velhos ou os anciões, já a maioria das crianças e jovens já não falam na língua indígena desde que aprendem a falar. Na maioria das vezes os jovens em convivência com seus avós acabam falando algumas palavras soltas na língua terena, mas não se tornam falantes da língua quando chegam na fase adulta.

De acordo com diálogos com os anciões, eles relatam que a maioria dos pais não ensinam os seus filhos a falar na língua materna que é a língua terena pois tem medo de que seus filhos não consigam aprender o ensino na escola pelo fato de ser falante da língua terena, uma ideia errônea essa pois quanto mais línguas a criança souber falar, melhor será o seu desenvolvimento intelectual e a aprendizagem.

E, esse pensamento de não ensinar os filhos a fala da língua terena perdura até os dias atuais nessa aldeia, onde as crianças aprendem a falar com os pais somente na língua portuguesa. Dessa forma, a língua materna ou a língua oficial dessas novas gerações de jovens na Aldeia Ipegue é a língua portuguesa. Com o passar dos anos, a língua portuguesa tem sufocado a língua terena especificamente na Aldeia Ipegue, havendo um número insignificante de crianças falando somente na língua terena.

De acordo com afirmação de (Garcia, 2007), atualmente há um alto índice das crianças e jovens em gostar de falar na língua portuguesa. Essa realidade é perceptível na Aldeia Ipegue, fator este que contribui para que haja uma ascensão de falantes na língua portuguesa nessa aldeia, e deixando a língua terena no esquecimento.

Além da preocupação sobre a perda da língua terena, há também uma outra preocupação em relação a religião do indígena, pois na maioria das vezes, os indígenas deixam de acreditar em suas crenças desde a sua ancestralidade e acabam acreditando nas crenças ensinadas pelos europeus, principalmente quando se trata de misticismo, citando como exemplo aves ou animais que possuem a cor preta. Em relação as crenças indígenas terena existentes, a seguir está inserido uma breve descrição a respeito da mitologia indígena e das crenças religiosas.

2.9 Conexões religiosas

Os mitos que envolvem o canto de aves na aldeia sempre têm um grande significado importante para os povos indígenas e sempre esteve ligado e são muito contadas pelos anciões nas comunidades indígenas terena, onde esses saberes, as crenças e a mitologia sobre o canto das aves dentro da cosmovisão indígena pode ser um indicativo ou significar um acontecimento ou alguma notícia dentro da comunidade, seja ela boa como o nascimento na família ou ruim como a morte de alguém.

A relação constante com a natureza, animais e aves faz com haja uma harmonia com a vivência dos anciões. Assim, geralmente quando há um canto de uma determinada ave em dia e horário não comum, pode ser indicativo de uma mensagem para aquele determinado ancião que ouviu o canto, pois mesmo havendo mais pessoas, nem todos conseguem ouvir o canto, pois a mensagem é direcionada unicamente para a pessoa que ouviu o canto.

Para Wagley (1957, p. 43-44), nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas.

Na comunidade a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura sempre estão interligados e formam parte de um sistema geral de cultura indígena. Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais.

Essa realidade da mitologia indígena sempre existiu entre os povos originários, mesmo antes da chegada dos europeus no Brasil em 1500. Sendo uma prática cultural e de sobrevivência, sempre havendo a inter-relação do povo indígena com a natureza, animais, aves e plantas.

Na aldeia indígena da etnia Terena na região da TI Taunay/Ipegue, há anciões que trabalham especificamente com as questões espirituais voltado para o xamanismo, sempre correlacionando com os conhecimentos ancestrais e inter-relacionando ou mantendo a relação através da observação da natureza.

Dentro do conhecimento indígenas ensinadas pelos anciões, a crença, a mitologia indígena, as matas e as águas, são cuidadas pela mãe natureza. Quando ocorre um desmatamento ou a extinção de um lago devido a degradação ambiental pela ação humana, a própria natureza cobra com fortes tempestades de chuva e ventos. Assim, a preservação contra a degradação ambiental é essencial para os povos indígenas pois os animais e as aves tem uma grande importância para os povos nativos.

3. CASUÍSTICAS E MÉTODOS

Para a realização dessa pesquisa me desloquei por diversas vezes saindo da cidade de Campo Grande até a Aldeia Ipegue, o local da pesquisa, percorrendo uma distância de 200 quilômetros. Após chegar na aldeia primeiramente foi realizado o diálogo com o cacique da Aldeia Ipegue o senhor Ademir Soares para pedir a autorização para a realização dessa pesquisa com os anciões moradores da aldeia.

Após a autorização concedida, fui na casa de cada um dos anciões para entrevista-los, a faixa etária dos anciões entrevistados foi acima dos 55 anos de idade. Para a realização das entrevistas, primeiramente os participantes foram informados e preparados a respeito do assunto que seria perguntado.

Posteriormente, foram feitas as perguntas de forma individual com o uso de um questionário contendo 10 perguntas sobre a mitologia terena e o significado do canto de aves, e os entrevistados falaram sobre o significado do canto da coruja e do bem-te-vi de acordo com a sua cosmovisão e conforme os saberes e conhecimentos dos anciões terena. As respostas dadas foram gravadas com o uso de um aparelho celular e posteriormente as gravações foram descritas para que pudesse ser analisada.

Para o embasamento teórico realizou-se o levantamento de dados bibliográficos com leitura de livros e teses e artigos publicados sobre a mitologia indígena com os pesquisadores não indígenas como: Mircea Eliade, Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha, Sandra Cristina Souza, Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi que já trabalham na área da mitologia indígena Terena e Circe Maria Bittencourt que já pesquisaram sobre a história do Povo Terna e também pesquisadores indígenas da área de educação e direito indígena como: Antonio Carlos Seizer da Silva, Jailson Joaquim, Luiz Henrique Eloy Amado, Rodnei Eloí da Silva, etc. , e também a leitura de livros, artigos científicos publicados sobre a mitologia na cosmovisão indígena.

Conforme a afirmação de Dalla Rosa (2019), o termo “cosmologia” que aqui é remetido à sabedoria indígena, indica a compreensão do universo em sua pluralidade, a partir do qual a criatura humana é concebida em íntima e complexa inter-relação que inclui os outros seres vivos e a natureza.

Mesmo havendo poucos livros e artigos científicos publicados a respeito da mitologia indígena, foi possível encontrar autores que já pesquisaram sobre este assunto, sendo muito importante para o conhecimento e aprendizado para o povo indígena terena.

Para dar o prosseguimento, o próximo assunto é referente as atitudes linguísticas, onde na aldeia local da pesquisa, muitos já não falam na língua terena, sendo um motivo de preocupação para a futura geração dessa aldeia.

4. ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS INDÍGENAS DA ALDEIA IPEGUE

Quando se refere sobre as atitudes, há uma abrangência de atitudes, mas nesse caso específico neste trabalho está descrito sobre as atitudes linguísticas relacionada a comunidade indígena pesquisada.

O tema da pesquisa abordada traz uma reflexão e a história do povo Terena ao longo dos anos principalmente a preocupação em revitalizar a língua terena na Aldeia Ipegue onde foi desenvolvido essa pesquisa, uma vez que a maioria dos moradores já não falam na língua indígena, prevalecendo o uso da língua portuguesa.

Sobre as atitudes linguísticas López Morales (1993) afirma que a atitude está dominada somente pelo traço comportamental, por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rejeição; e que uma atitude nunca pode ser neutra. Nos elementos cognitivos, estão incluídas as percepções, os saberes, os estereótipos presentes no indivíduo; já nos afetivos, estão presentes as emoções e os sentimentos.

A língua indígena independente de etnia é uma das identidades importante que os povos indígenas têm e isso precisa ser revitalizada para que haja a manutenção da língua e assim garantir a existência da população indígena ao longo do território brasileiro.

Conforme a afirmação de Moreno Fernández (1998, p. 179), a atitude linguística como “uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade [...]”. Nesse mesmo contexto, o autor ainda destaca que as atitudes linguísticas refletem atitudes psicossociais, sendo difícil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude quanto ao grupo social ou ao usuário dessa variedade.

Ainda, de acordo com a fala do autor, a atitude linguística implica, também, a noção de identidade, que pode ser definida como “a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro.” (Aguilera, 2008, p. 106).

Ainda conforme o autor, a identidade, então, pode ser definida sob duas formas: (i) objetiva, ou seja, caracterizando-a pelas instituições (educacionais, artísticas, políticas, culturais, sociais, religiosas) que a compõem e pelas pautas culturais (usos, costumes, tradições) que lhe dão personalidade; ou (ii) subjetiva, antepondo o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a ideia de diferenciação com respeito aos demais (Moreno Fernández: 1998, p. 180). Na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente. (Aguilera, 2008, p. 106).

Uma vez que, um dos elementos que definem a identidade de um povo é a variedade linguística assumida por ele como “ideal”. As atitudes relacionadas ao grupo com a determinada identidade podem ser consideradas como sendo uma reação às características da variedade linguística, “uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmite ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo” (Aguilera, 2008, p. 10).

A fala na língua terena especificamente nessa aldeia é insignificante se comparado ao número de habitantes e a minoria de anciões falantes que há, devido a influência da língua

portuguesa, muitos deixaram de falar na língua terena, colocando em risco a extinção de umas das principais identidades, que é a língua.

Esses fatos como a perda linguística vem ocorrendo ao longo dos muitos anos e está ligada a vários fatores como ensino da língua portuguesa na escola, casamento com não indígenas, trabalhos em fazendas, migração para centros urbanos e o uso da tecnologia através de aparelho eletrônicos.

A invasão europeia traz um reflexo sobre a perda cultural indígena, através da imposição de um ensino forçado como o da língua portuguesa, ensino de uma nova cultura que desencadeou em várias perdas culturais e linguísticas que perduram até os dias de hoje, não somente na Aldeia Ipegue, mas em todos os territórios onde há povos indígenas.

Com a entrada da língua portuguesa em meio aos povos indígenas, muitos saberes e conhecimentos ancestrais se perderam, ficando no esquecimento.

Ao longo dos séculos muitas crenças e mitologias indígenas foram deixadas de lado, ficando no esquecimento, devido a influência dos não indígenas (Purutuye) como é falado na língua terena, após a imposição e o ensino de uma cultura e uma língua totalmente estranha em relação a vivência e a cultura tradicional indígena daquela época.

A perda da identidade cultural principalmente a língua indígena de diversos povos indígenas com a influência dos não indígenas já vem ocorrendo há muitos séculos desde o ano de 1500 após a invasão europeia no Brasil. Assim, muitas crenças, religião e mitologias indígenas foram implantadas para os povos originários, fazendo com que houvesse o apagamento e a extinção de muitas línguas indígenas.

Diante desse contexto sobre a perda da língua, Silva e Souza (2019) afirma sobre o que pode-se obter dentro de uma pesquisa como resultado sobre as atitudes linguísticas é o apagamento da língua terena que vem crescendo cada vez mais entre os terena do em detrimento o do uso da língua portuguesa português. A situação de perda da língua terena demonstra claramente que os Terena estão deixando de fazer o uso da língua ao longo da sua vida.

Os saberes, os conhecimentos tradicionais e as mitologias indígenas contadas pelos anciões na língua materna sempre tiveram um grande significado e uma grande importância pois traz consigo a verdadeira identidade, a história e a memória do povo Terena, principalmente a valorização da língua indígena. De acordo com a afirmação de Calvet (2009, p. 65), “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com aqueles que as utilizam”.

A fala na língua terena traz consigo uma história de luta e de resistência dos povos originários perante a imposição de aculturação por parte do homem “branco”, ou os “não indígenas” sendo chamado de (Purutuye) pelos indígenas terena. Fishman (1999), afirma que o uso da língua e as atitudes linguísticas variam de acordo com os contextos sociais em que transpiram.

Sendo assim, os indígenas da Aldeia Ipegue sofrem uma forte influência na perda da língua terena devido ao uso constante da língua portuguesa sendo possível afirmar que já está ocorrendo o sufocamento da língua materna que futura poderá levar a extinção caso não haja a revitalização da língua terena nesta aldeia.

4.1 A escrita da língua terena e suas aplicações nas escolas indígenas

Atualmente muitas escolas indígenas possuem em sua grande curricular a disciplina da língua terena, mas na maioria das vezes com a carga horária insuficiente para ensinar a língua terena de fato. Na escola municipal indígena Feliciano Pio da Aldeia Ipegue, a maioria dos alunos falam somente na língua portuguesa, inclusive os professores, alguns professores ministram aula na língua terena. Ainda, para aprender e ter o conhecimento da língua Terena, é de suma importância inicialmente conhecer o alfabeto da língua terena que é totalmente diferente do alfabeto da língua portuguesa.

Como afirma (Travaglia, 1997), a concepção de que o ensino da língua materna consiste principalmente em desenvolver no educando a competência comunicativa. O alcance desse objetivo consiste na proposta de aulas voltadas para o ensino produtivo. Essa concepção visa a levar o educando à aquisição de novos conhecimentos a respeito da língua materna para que no momento em que ele achar necessário possa ter maior variedade de habilidades linguísticas.

De acordo com pesquisas já realizadas, a língua Terena apresenta os alfabetos que são: a, mb, nd, e, ng, h, i, nj, k, l, m, n, o, p, r, s, t, u, v, x, y, nz, '. Ainda, no final do alfabeto terena existe o glotal, sendo importantíssima para fazer a separação das vogais no momento da escrita, dando uma pausa no momento da fala das palavras.

Para Elias Sobrinho (2010), a fala da língua materna representa a construção social com os parentes indígenas da etnia Terena, para a identificação e autoafirmação do ego quanto indígena.

Cada língua tem a sua importância para a sociedade. Assim, a importância da língua indígena é relatada por Raquel Figueiredo Alessandri Teixeira da seguinte forma:

A língua é também a chave que nos permite conhecer todo o universo cultural de um povo. A cultura de um povo é nada mais nada menos que o conjunto de respostas que aquele povo dá as experiências pelas quais ele

passa e aos desafios que ele sofre. A língua, bem como a cultura, vai sendo moldadas ao longo do tempo. Qualquer grupo social humano é um universo completo de conhecimento integrado, com fortes ligações com o meio em que se desenvolveu. O conhecimento das línguas indígenas e, através delas, o conhecimento da experiência e do conhecimento acumulados pelos povos que as falam é de valor cultural e social inestimáveis (1995, p. 293).

Em relação ao uso da fala na língua indígena, a aprendizagem pode ocorrer de várias formas, principalmente no momento de ouvir a fala de alguém, sendo necessário que haja o convívio e o contato constante ou com maior frequência. Uma das fases em que há maior tendência e possibilidade de se aprender a falar com mais facilidade a língua terena, é na fase da criança.

Para Silva e Souza (2019), afirma que uma interação entre pessoas de uma mesma família pertence ao domínio família, enquanto uma interação entre professores e alunos pertence ao domínio linguísticos a família, a escola, a igreja, o trabalho e a rua ou vizinhança. Cada desses domínios pode exigir uma única língua ou mais, dependendo do local onde ocorre a interação, dos participantes da interação afetiva entre eles, dos tópicos a serem discutidos, do grau de formalidade ou informalidade da situação, do grau da interação.

A maior parte dos professores da Aldeia Ipegue que atuam no ensino já não são falantes da língua terena e poucos escrevem na língua terena, pois a escrita é essencial para o ensino, apenas uma minoria de professores dessa comunidade ainda fala e escreve na língua terena. Assim, é motivo de preocupação notar que o ensino ministrado em sala de aula aos alunos é feito na maioria das vezes na língua portuguesa.

O uso constante e com mais frequência da língua portuguesa e da língua terena seja no diálogo entre os moradores ou na sala de aula com os alunos, caracteriza - se como bilinguismo.

4.2 Sociolinguística e ensino: contribuição para a formação do professor indígena

A área do estudo sociolinguístico é muito relevante e essencial principalmente para os professores indígenas que atuam na área de ensino nas comunidades indígenas. Ensinar na escola indígena exige um conhecimento voltado para o estudo sociolinguístico, ainda mais quando se trata da língua indígena, pois na maioria das vezes os alunos indígenas conseguem compreender com mais facilidade quando as aulas são ministradas na língua terena.

Segundo Monteiro (2002), a língua é objeto de estudo de vários ramos do conhecimento, distinguindo-se pela forma de análise desse objeto. Entre as várias disciplinas que se aproximam do campo a que se dedica a Sociolinguística estão a Sociologia da Linguagem, a Etnografia da Comunicação, a Dialetoлогия, a Geografia Linguística e a Pragmática, cada qual com uma forma própria de abordar a língua.

Conforme a afirmação de Rodrigues (2002, p. 18), as línguas estão sujeitas a número de fatores de instabilidade e variação, que determinam nelas forte dependência a constantes alterações.

Essa tendência é normalmente contrabalançada pela necessidade de mútuo ajuste dos indivíduos de uma mesma comunidade social, sem o qual não se cumpria a finalidade básica da língua, que é a comunicação explícita e, quando possível fácil.

As variações linguísticas são facilmente observadas no momento da fala dos mais velhos, pois na maioria das vezes os objetos ou os aparelhos tecnológicos não tem no vocabulário da língua terena e assim acabam criando palavras na língua terena de forma aportuguesada.

4.3 Variações da língua terena na Aldeia Ipegue

Se pararmos para uma reflexão sobre questões linguísticas, a língua não para no tempo, ela vai se modificando de um lugar para o outro, com mudanças em sotaques no momento da fala e podem sofrer variações constantes ao longo das gerações.

De acordo com a afirmação de Cardoso (2015, p. 119), “linguisticamente falando, nenhum dialeto pode ser legitimamente considerado melhor que as outras variedades da língua”, uma vez que as reações de informantes partem de avaliações subjetivas ligadas a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Se tratando da variação linguística da língua terena na Aldeia Ipegue, é comum observar que ocorre constantemente o empréstimo da língua portuguesa no momento da fala dos moradores que ainda falam a língua terena.

Ao longo do tempo a maneira da fala de uma determinada população podem sofrer mudanças que resultam nas variações linguísticas. Essa variação linguística é resultante do empréstimo da língua portuguesa na fala da língua terena. Essa realidade das variações linguísticas na língua terena está presente em todas as comunidades indígenas da etnia terena no estado de Mato Grosso do Sul, seja na zona rural ou de contexto urbano.

De acordo com a afirmação (Garcia, 2009), os fatores externos e internos atuantes na atitude linguística de uma comunidade de fala são como os dois lados de uma moeda. Não basta conhecer a atuação somente de um deles para se prever a atitude de uma comunidade de fala. Cada comunidade de fala reage de uma maneira particular (e, às vezes, até em oposição) às pressões externas, mesmo que estas sejam idênticas em várias comunidades de fala de um mesmo contexto ou região. Ademais, em uma mesma comunidade de fala, as atitudes linguísticas não são necessariamente homogêneas nem unânimes, mas muitas vezes

heterogêneas e conflituosas (Romaine, 1995; Crystal, 2000), em função da dinâmica do contexto.

De forma geral, é perceptível observar que as variações linguísticas da língua terena vem ocorrendo com frequência em todas as comunidades terena existente no município de Aquidauana e Miranda. E, essas variações linguísticas estão presente principalmente na fala dos mais jovens, e na maioria das vezes fazem a associação ou junção da língua terena com a língua portuguesa, originando uma palavra em terena de forma aportuguesada.

Assim, a mudança das palavras ou a variações linguísticas pode ser um motivo de preocupação para o futuro dentro do contexto indígena, pois as palavras na língua portuguesa são ensinadas de geração em geração e as crianças e os adolescentes especificamente da Aldeia Ipegue e demais aldeias vizinhas, já não tem interesse em aprender com os anciões as palavras totalmente terena que não faz nenhum empréstimo da língua portuguesa.

4.4 A política do ensino da língua entre os Terena

A língua falada é primordial para qualquer população mundialmente, pois traz consigo a história, os costumes e as tradições e a existência de um povo. Por isso, jamais deveria ser perdida ou extinta. Após a invasão europeia em 1500 e com imposição e o ensino forçado da língua portuguesa, houve o desaparecimento de muitas línguas indígenas e conseqüentemente a extinção de vários povos indígenas.

Dentro desse contexto, não é o que acontece atualmente com as populações indígenas que vivem espalhadas em todo o território brasileiro, pois em várias etnias indígenas, com a chegada da língua portuguesa nas aldeias, houve uma redução significativa do uso da fala da língua materna nas comunidades indígenas em todo o território brasileiro.

Através de organizações e várias reivindicações por parte das lideranças indígenas de diferentes etnias que há no Brasil, surgiu a oportunidade de implantar uma forma para a revitalização da cultura tradicional indígena, garantindo os direitos indígenas de acordo com lei brasileira.

Somente em 1988 após a criação da Constituição Federal é que os direitos indígenas foram garantidos em forma de lei desde a preservação de costumes tradicionais, crenças e o ensino na língua materna nas escolas indígenas. Sendo assim, o artigo 231, do capítulo VIII da Constituição Federal de 1988 garante que: *“Art. 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”* Idêntica é a força redimensionadora da postura constitucional

em relação aos povos e à educação indígena que já se encontra no artigo 210 da mesma Constituição de 1988: “Art.210..... “§ 2º – O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada as comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Atualmente no século XXI, algumas escolas indígenas nas aldeias de zona rural possuem o ensino bilíngue, onde traz o ensino dos não indígenas na escola com o uso da língua portuguesa, mas também traz o ensino da língua terena. Nas aldeias Terena onde a maioria dos indígenas que ainda preservam a fala da língua Terena, o ensino na língua terena faz toda a diferença, pois a forma de ensinar na língua terena fortalece o ensino-aprendizagem dos alunos nas comunidades indígenas.

De acordo com (Grizzi; Silva, 1981, p. 21), o processo de alfabetização será muito mais eficaz quando feito na língua materna e não numa segunda língua ou numa língua desconhecida.

A Lei 9.394/96, Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, define ou elenca como um dos princípios norteadores do ensino nacional, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, garantindo às escolas indígenas um processo educativo diferenciado e respeitoso de sua identidade cultural e bilíngue.

O artigo 78 afirma que a educação escolar para os povos indígenas dever ser intercultural e bilíngue para a “reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas, valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e conhecimentos valorizados pela sociedade nacional”. O artigo 79 prevê que a União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino estaduais e municipais no provimento da educação intercultural às sociedades indígenas, desenvolvendo “programas integrados de ensino e pesquisa (...) planejados com audiência das comunidades indígenas (...), com os objetivos de fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna (...) desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo conteúdos culturais correspondentes as respectivas comunidades (...), elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado”.

4.5 A variação linguística entre o mesmo grupo étnico em comunidades diferentes

Dentro de um mesmo grupo étnico a fala de uma mesma língua é diferente inclusive o sotaque, a possibilidade de ocorrer as variações linguísticas é grande, principalmente quando se trata do desenvolvimento de novas tecnologias avançadas, com a criação de produtos eletroeletrônicos, computadores, notebook e celulares.

Os fatores linguísticos nos levam a concluir também que a variação é um processo sujeito ao livre de cada, que se expressam, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivo pelas próprias regras do sistema linguístico. (Camacho, 1984, p. 35).

As variações linguísticas que ocorrem em um determinado lugar de uma certa maneira é um motivo de preocupação pois pode ser um indicativo de que a língua está sendo dominada por uma outra língua e futuramente poderá surgir mais palavras na língua terena de forma aportuguesada e assim, poderá levar ao apagamento e conseqüentemente da língua indígena.

O idioma ou a existência de uma língua tem uma grande importância e um grande significado pois traz a ideia da existência de um povo, de uma nação e ainda garante a diversidade cultural em um determinado lugar ou em uma comunidade.

Assim, com a presença de vários grupos étnicos de diversas culturas, há possibilidade de haver uma miscigenação como ocorre no território brasileiro, com a presença de diversos povos, etnias e línguas diferentes.

Brasil é um país multilíngue, onde indivíduos falam mais de uma língua (pluri- linguismo individual) em contextos em que se falam muitas línguas (plurilinguismo social), marcado por cenários diversos de bi/plurilinguismo assimétrico. Toda essa riqueza, campo de contrastes e conflitos, é expressa pela diversidade etnolinguística e cultural presente nos diferentes grupos formados pelas nações indígenas, pelas comunidades de descendentes de imigrantes, pelas comunidades quilombolas, por comunidades de povos ciganos, pelos contextos fronteiriços, pelos refugiados de ingresso recente e ainda pelas comunidades surdas usuárias de línguas de sinais. (SAVEDRA et al., 2021, p. 3).

Mesmo havendo uma grande variedade cultural, é possível manter e preservar a língua, os costumes e as tradições, desde que haja o ensinamento da cultura pelos próprios indígenas, em convivência familiar, nas escolas e dentro de suas comunidades. Os ensinamentos da língua e cultura repassadas para a nova geração garante a preservação cultural e linguística de um determinado povo para que ela não seja extinta.

Dessa forma, a revitalização da língua é primordial

4.6 Isolamento e Mudança

Ao longo do tempo, a língua terena vem sofrendo mudanças e variações linguísticas constantes e na maioria das vezes são deixadas de ser falada principalmente na aldeia Ipegue, que é uma das aldeias considerada a mais antiga pertencentes a Terra Indígena (TI) - Taunay-Ipegue, município de Aquidauana-MS.

Esta aldeia é considerada entre as demais aldeias existentes nesse território, como uma das aldeias onde quase a maioria das pessoas já não falam na língua terena, predominando o uso da fala de uma língua que foi imposta há muito tempo pelos europeus, que é a língua portuguesa. Com o passar dos anos, a língua indígena falada nessa aldeia está se perdendo, onde as crianças já não falam e não entendem a língua materna nesta comunidade.

A fala e o sotaque da língua terena difere de uma comunidade para a outra mesmo sendo de um mesmo pertencimento étnico. A diferença está na forma de falar e de se expressar durante a fala, principalmente no sotaque e nas variações linguísticas. Cabe aqui ressaltar que ainda há palavras na língua indígena faladas somente pelos anciões onde os mais jovens já não conhecem.

Conforme a afirmação de Labov (1994, p. 129), as pessoas que não residem nas mesmas cidades e não são expostas ao mesmo meio de comunicação de massa pode ser desigualmente afetada pela mudança linguística, de tal modo que, com o passar do tempo, a linguagem que usam se torna cada vez mais diferenciada.

De forma geral, é perceptível observar que a palavra em terena de forma aportuguesa são criadas automaticamente e constantemente pelos falantes mais jovem, dependendo da situação ou do contexto em que se encontra principalmente quando for referir a nome de objetos citando como exemplo os aparelhos eletroeletrônicos que hoje está inserido em todas as comunidades indígenas espalhadas no Brasil como celulares, rádios televisão e também máquinas agrícolas.

Dessa forma, a associação da língua terena com a língua portuguesa sempre irá originar uma nova palavra na língua terena de forma aportuguesa, e essa forma de falar essas palavras tem sido frequente tanto na fala do ancião como na fala das crianças, passando de geração para geração.

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno (...). (Mollica, 2010, p.10).

Atualmente é comum criar palavras na língua terena para nomear números, objetos, palavras e nome de pessoas, cidades e de animais quando não há no vocabulário terena algumas dessas palavras. Assim, com o passar do tempo a variação linguística na fala do indígena vem ocorrendo constantemente em todas as comunidades indígenas terena, desde a fase da criança até a fase adulta.

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja

com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (LABOV, 2008, p. 19).

Dessa forma, na atualidade muitos indígenas associam as palavras do português com a língua terena e acabam chegando a uma definição mais próxima da palavra, que disfarçadamente são considerados terena, mas que verdade são palavras que vão surgindo na língua terena de forma aportuguesada.

Assim, a língua portuguesa imposta pelos europeus há muitos anos está presente até os dias de hoje, começando pela observação na fala das crianças indígenas nas aldeias a partir do momento que começam a falar se estendendo na idade escolar, em contato com outros alunos nas escolas. Muitas crianças e jovens não demonstram interesse em querer aprender a falar na língua indígena mas acabam preferindo falar na língua portuguesa, pois aprendem na escola devido o contato com os falantes da língua portuguesa, seja nas comunidades indígenas rurais ou de centros urbanos, pois a língua portuguesa.

Além do desinteresse de muitas crianças de não querer falar em sua própria língua materna, os pais na maioria das vezes não ensinam seus filhos tendo sempre como justificativa de que os seus filhos terão dificuldades de aprender os ensinamentos na fase escola, principalmente a compreensão da língua portuguesa.

Quando a criança deixa de falar na língua a partir do momento que começa a aprender a falar e durante a fase escolar no período de séries iniciais, a dificuldade de aprender a falar na língua indígena aumenta quando chega na fase jovem, posteriormente na fase adulta.

Dentro dessa perspectiva sobre o aportuguesamento da língua terena espalhadas pelas comunidades terena. Abaixo estão descritas alguns números e nomes de pessoas, como exemplo:

Números e nome de pessoas na língua terena de forma aportuguesada

Números na língua terena		Nome de pessoas na língua terena	
4 – Quatro	Kuáturu	Mateus	Máteu
5- Cinco	Singú	João	Xuâum
6 – Seis	Sêi	Paulo	Poûlu
7- Sete	Séti	Pedro	Pêтуру
8- Oito	Óitu	Simão	Simaum
9- Nove	Nové	Tiago	Teâku

O uso dos números e dos nomes na língua indígena são padronizadas em todas as aldeias terena, sendo faladas pelos anciões como também pelas crianças. O início da escrita da língua terena

se deu primeiramente por pesquisadores americanos onde na década dos anos 90 houve um grande projeto que foi desenvolvido nas comunidades indígenas.

Para o desenvolvimento da escrita da língua terena, as pesquisadoras moraram dentro das comunidades indígenas especificamente na Aldeia Cachoerinha no município de Miranda pois tinham como objetivo estudar a língua do povo Terena, principalmente a escrita da língua terena, começando pelas letras do alfabeto.

O resultado da pesquisa e do estudo na área da linguística foi muito importante para a etnia Terena, onde o resultado final da pesquisa foi a tradução da bíblia (novo testamento), da língua portuguesa para a língua terena.

5. RESULTADOS

A mitologia de forma geral é vista pela sociedade como fatos irreais. Essa definição de fatos irreais não é o que ocorre entre os povos indígenas, de acordo com a cosmologia e cosmovisão indígena. A mitologia é vista como um acontecimento ou um fato real que já ocorreu ou que ainda poderá ocorrer nas comunidades indígenas através da observação do canto de aves, sendo este um dos conhecimentos indígenas de suma importância conhecido no antepassado, mas que ainda permanece até o presente momento, no século XXI.

Diante da cosmovisão indígena, a mitologia sempre estará ligada a um fio condutor que é denominado de ancestralidade. Uma definição esta que jamais será compreendida e entendida por uma pessoa não indígena. Assim, os conteúdos sobre a mitologia são ensinados nas escolas não conforme os conhecimentos estritamente indígenas, mas de uma forma geral e folclórica.

Diante deste cenário os conceitos ou as definições da mitologia indígena para os não indígenas sempre será complexa. Conforme a afirmação de SILVA (1995, p.317-318), no contexto escolar brasileiro, mitos indígenas têm sido frequentemente utilizados como recurso pedagógico e como material primário para a publicação de coletâneas de "lendas indígenas" ou de livros de histórias para crianças. Raros são os autores que se identificam com o pensamento indígena e, respeitando-o, nele exercitam sua própria capacidade de criação literária; raros também são os que se contentam em transmitir os textos míticos sem adulterá-los ou "corrigi-los" segundo o que consideram moral ou ideologicamente correto e adequado a seus pequenos leitores.

Na maioria das respostas, a coruja significa para a maioria com uma ave mensageira, que traz uma mensagem ruim, de prenúncio de morte. Já a o bem-te-vi é visto como uma ave do

bem que traz uma mensagem boa para todas as famílias ou comunidades, citando como exemplo a gravidez de uma mulher na família.

Através das entrevistas coletas com os anciões Terena foi possível obter várias informações a respeito do significado do canto da coruja e do bem-te-vi de acordo com crença e a cosmovisão dos anciões da Aldeia Ipegue que carregam consigo conhecimentos que sempre fará parte da cultura e da tradição do povo Terena.

Por mais que os anciões pesquisados pertencem a mesma aldeia, as respostas coletadas foram diferentes. Isso mostra que os conhecimentos na cosmovisão indígena vão sofrendo mudanças com o passar do tempo. Ainda, foi notório observar que logo no primeiro contado os entrevistados a língua mais utilizada nessa aldeia é a língua portuguesa, sendo a língua dominante.

A seguir estão inseridas todas as perguntas utilizadas e as respostas dadas pelos anciões durante as entrevistas, os relatos coletados foram em maior quantidade falado na língua portuguesa e apenas uma pouca quantidade de relatos falado na língua Terena. Essa situação sobre o uso da língua portuguesa com mais frequência, faz com que a maioria dos indígenas dessa aldeia possuir a língua portuguesa como a língua materna.

Sendo assim, foi necessário inserir todas as perguntas e respostas para obter uma melhor comparação no significado mitológico e cosmológico sobre o canto da coruja e do bem-te-vi, tanto na língua portuguesa quanto na língua terena.

A seguir estão inseridas as perguntas e as respostas obtidas:

Questionário:

1. Qual o significado mitológico e cosmológico que o bem-te-vi e a coruja representa para os indígenas Terena?

Respostas:

“Quando o bem-te-vi canta no quintal de casa, é sinal que vai acontecer coisa boa. Quando a coruja canta é mensagem ruim que vai acontecer”.

“ As aves como bem-te-vi e a coruja tem significado importante para nós indígenas. O canto do bem-te-vi anuncia alguma mulher grávida na família e o canto da coruja traz uma notícia que alguém irá falecer”.

“Canto do bem-te-vi significa alegria, alguma mulher na família estará gestante e canto da coruja significa morte na família”.

“O bem-te-vi significa a história sobre a origem do povo Terena”. “O canto da coruja no horário incomum como na madrugada é um prenúncio de morte”.

“hiyokena útinoe Terenoe, epora kuaháti vutika, hara’á kixoéko ûnati kixovokoti. Kene pora’ á hurumukuku, váhere kixovokuti kixoékora hiyuke vihenóxapa”.

“Ûndi Terena ihae Varakakaoe (Ipegue) unguea inzâ Antônio Mariano. Enepora yepemono kaê akó ngamea koiuhoati nepora Bem-te vi koeti, pohane hurumukuku kamea úti exótina viyenóxapa mekuké.

2. Qual foi o primeiro contato com essas aves?

“ Quando eu era criança é que eu tive contato com as aves”. “Quando minhas avós me mostravam essas aves que cantava no quintal de casa”

“ O primeiro contato com essas aves foi quando meu pais me ensinaram sobre o significado do canto”

“ Quando esses pássaros cantaram e pousavam em árvores no quintal de casa”.

“Yakono poke’éxa xoko úti, vovoiko aldeia ke, kalivono xoko úti, aneko kuxikoti xané, enone ihihákoti kalivono’hikó koeku kixovoku’ra kalihuné ho’ópeno

“Enepora ho’ópenohikó kixone kuxotiko viyenoaxapa mekuke ngamêa koyuhóya onjunoe, eno, nzá’a. koyuhoá epora kixoíkone nepora ho’ópenokiko emeupone xerurukoe vovóku”.

3. O seu pai ou seu avô (ó) que falava com você sobre o significado dos pássaros?

“ Meu pai que me contava em roda de conversa”

“Minhas avós sempre falavam sobre o significado do canto das aves

“ Às vezes as anciãs da comunidade que falava sobre os pássaros”.

“ Ainovo kaé vo’óxu yoko vó’osé”

“ onjunoe yoko nza’ákhikó”.

4. O significado do canto das aves era falado em português ou na língua Terena?

“ Quando minhas avós me ensinavam era na língua terena”

“ Às vezes era contado na língua portuguesa”

“ Meus pais só contavam na língua terena”.

“ poehane vemo’ûke, xokoyukena itinoe terenoe”.

“ Enepora onjunoe yoko nza’áhiko poehane ya vemôum ke Terenoe koyuhoea nepora kixoíkone pora emeya ho’ópenohiko”.

5. Quais os cuidados com os pássaros que aparecem nos quintais de casa para que essas aves não desapareçam?

“ Tem que as protegê-las e não deixar a crianças matar os pássaros”

“ As matas ao redor das casas devem ser preservadas”.

“ Deixar elas se reproduzirem nas árvores nos quintais de casa e plantar mais árvores”.

“ konokuati vihiakaxa’ ra kalivono’ hikó koene motovati katarekea, motovati akoya pihapá hikó hoikuke”.

“ Enepora viyenoaxapá mekuke kohíanahikó ho’ópeno ako siká koepekohonohikó ho’ópenohikó upaníniti akó kâe exea nepora kixoíkone porá simó emeupono akó kepéka enepora ho’ópora”.

6. As mitologias indígenas Terena sobre o significado do canto dos pássaros são ensinadas para as crianças?

“ Na maioria das vezes o significado do canto das aves não é ensinado para as crianças”

“ O ensino é feito pelos anciões e pessoas adultas que já possui experiência de vida”

“ A mitologia Terena são ensinadas aos filhos depois que atingem uma idade jovem”.

Essas crenças indígenas não são ensinadas para as crianças”.

“ Epora vituka, uhe’ékoti kalihuna ho’ópeno, hara kixoéko ûnati xikovokuti, kene pone kuteati hurumukuku, enone váhere kixovokuti noxone’ké utinoe tereno”.

“ Enepora kaê koe yuho mekuke, enepora simôra ihaho hurumukuku yoko patiké ene yeopone xeruruke vovóku anakoti omone eyekovoti akoti kati unatiya eyekovoti omone epone simô xererukuke, apétimo pihópoti ou ivokovotí xinonu ûti enhe ya xapakuke viyenoaxapa”.

7. Quais são as crenças e presságios ou sinais que envolvem os pássaros?

“ O canto do bem-te-vi representa coisa boa e a coruja representa coisa ruim”.

“ Quando uma ave de hábito diurno canta principalmente à noite, significa que algum parente vai morrer”.

“ É sinal de morte quando aparece uma ave dentro de casa ou na janela da casa”.

“ O dia poderá ser bem ensolarado ou chuvoso”

“ Pora ho’openó ukeati hoikuke ainovo apetiko kae kuteati exone ukeati natureza’ké enhé. Enone kuvoveane’ hikó kuxoti’ hikó xané”.

“ Enepora simone patiké nepora hurumukuku ya emeopono xereruke vovóku anakó kixoíkone kixotí pevotí kixonu ûti enhe apétimo pihopotí ou ivokovoti xinu ûti enhe ya xapake viyenoaxapa enone kixoíko enepora emeopono ho’ópeno ya kuvéo xeruruke vovóku”.

8. Quais períodos os pássaros aparecem para cantar nos quintais das casas?

“ Aparece na época de manga e no período de muitas frutas no quintal”

“ Às vezes podem cantar de madrugada”

“ Aparecem para cantar na parte da manhã ou à tarde”

“ya yuponí koeti aneko ho’ópeno’hikó oposokoti níká elokéti okovó, motovati kae vekopeamakake xokoyokene ukeaku kene anekomaka ituke utuke yoti aneko itukemaka ya kiya kaxé.

“ Enepora ho’ópenohikó kutiynu poehane yoti onea simêa, yoti simeahikó, akó simêa kaxé, oriti simêa kaxé”,

9. Há aumento dessas espécies de pássaros com o passar dos anos?

“ A quantidade de bem- te- vi e da coruja não aumenta muito durante o ano”

“ Como essas aves aparece poucas vezes, não é possível notar se essa espécie aumenta muito durante o ano”.

“ anekó vo’oku akone itukoa kuteati lavoura, vo’oku tempo koene akone omotova kae kuvovea ûti nake kuteati mekuke.

“ Vokuke akó kapepekane yokó hoí ovohíko ya simó hu koepono pihópotihiko akó yuháxikanohikó”.

10. Onde essas aves se reproduzem

“ Às vezes nas árvores ou nos pés de coqueirais”.

“ O bem - te- vi se reproduz nas árvores de casa e as corujas as vezes se reproduzem nas mangueiras próximos das casas”

“ A coruja se reproduz na roça no buraco de tatu”.

“ O bem-te-vi se reproduz nos laranjais ou coqueiros nos quintais de casa”.

“ ainovo kaê hoíkuke”, hoíkuke kaê ovohíko”.

“ Enepora ho’ ópeno hoíkuke ukea enohiko hanaiti tikotí kuteati emukaya kixonu ûti enhe enono ovohíko koxe’êxa ya enone ovohíko kaê ovohíko ovoku hanaiti hoí.

De acordo com a análise dos resultados obtidos, foi possível observar que mesmo os anciões morando da mesma aldeia, as respostas dadas sobre o significado do canto das aves das espécies pesquisadas foram diferentes. Cada ancião entrevistado deu as suas respostas da forma que sabia e de como foi ensinada pelos seus antepassados, mas que nunca deixaram de acreditar na mitologia terena que foi ensinada desde o antepassado.

A maioria das respostas obtidas ao longo das entrevistas foram faladas em maior parte na língua portuguesa e uma minoria, somente os anciões de mais idade responderam as perguntas na língua terena. Esta realidade sobre as respostas dadas em maior parte na língua

portuguesa é um indicativo de que os moradores já não fazem a língua terena como língua materna, uma vez que a maioria fala constantemente na língua ensinada pelos europeus, que é a língua portuguesa.

Essa porcentagem maior do número de falantes da língua portuguesa é característico dos moradores da Aldeia Ipegue, mas com o passar dos anos vem se estendendo para outras comunidades Terena, onde apenas uma minoria ainda fala na língua Terena, especificamente os anciões. Por isso, os moradores dessa aldeia são considerados indígenas que já não tem a língua Terena como a língua materna onde 80% das pessoas dessa comunidade se comunicam constantemente na língua portuguesa.

Diante do contexto da fala na língua terena pelos anciões, a cosmologia e a cosmovisão indígena traz a memória os saberes e os conhecimentos ancestrais possuindo um grande significado para os Terena, por isso devem ser ensinadas para os filhos e netos para que esses conhecimentos não sejam extintos, mas que seja ensinada para a geração futura dos povos indígenas.

Nas comunidades indígenas Terena as pessoas mais velhas ou idosas são denominadas de anciões pelos moradores de uma determinada comunidade e precisam ser muito respeitados, pois na maioria das vezes são senhores ou senhoras de muita idade com muitas experiências de vida e de muitos conhecimentos.

Além disso, as pessoas de mais idade são conhecidas como tronco da família, devido possuir muitos anos de vida e conhecer a história do povo Terena, possuir a vivência e a experiências, e geralmente os anciões considerados troncos da família na maioria das vezes ultrapassam os seus 100 anos de idade, com muito vigor e resistência física.

Como afirma Farias (2011), os “troncos velhos” preservam em suas memórias a tradição do seu povo e, ao transmitir as recordações através das suas narrações, revelam as reminiscências coletivas colaborando, deste modo, para revigorar a autoafirmação do grupo em processo de reestruturação e fortalecimento da identidade cultural e religiosa dos mesmos.

Referindo-se sobre os conhecimentos e saberes voltado para a mitologia indígena, cabe aqui enfatizar que as aves e os animais são vistos como seres vivos sagrados perante a cosmologia e cosmovisão indígena, além das plantas que também possui um significado para os povos indígenas, de forma geral, em todo o território brasileiro.

Assim, o significado do canto das aves pesquisadas neste trabalho foi sobre o bem-te-vi (vítuka) na língua terena, sendo uma ave de hábitos diurno e a coruja (patiké) na língua terena, sendo uma ave de hábitos noturno e carnívora, visto com mais facilidade durante o dia. Após a busca e pesquisas sobre o som dos pássaros através do canto de acordo com a sabedoria

indígena, foi possível observar que palavra bem-te-vi é uma língua indígena que se origina do tronco linguístico Tupi, onde essa ave é denominada de pitanguá, que significa “comedor de pitanga”.

A coruja é uma ave carnívora e de hábitos noturnos e o seu significado dentro de um contexto geral na visão do não indígena está relacionado a sabedoria ao misticismo podendo trazer sorte ou azar para a pessoa que acredita na mitologia. Dentro das associações culturais, pode estar ligado a coisas ruins ou até mesmo ao prenúncio de morte de alguém da família. Para a população em geral, essa ave pode apresentar uma série de significados, isso vai depender do ponto mitológico e cosmológico de cada povo indígena nas diferentes etnias.

De acordo com a afirmação de Lévi-Strauss (2006, pag. 31), os mitos são uma “ciência do concreto” não menos científica e de resultados não menos reais que as ciências exatas e as ciências naturais.

Sendo assim, os conhecimentos e saberes ancestrais indígenas possui uma grande importância para decifrar a história acerca da mitologia, cosmologia e as crenças indígenas que sempre existiram e estão presente no cotidiano dos diversos povos indígenas até os dias atuais, pois são acontecimentos ou fatos reais vividas pelos anciões nas diversas comunidades indígenas.

Através da coleta de dados sobre o conceito de mitologia indígena nesta pesquisa, foi possível observar que cada ancião tem as suas respostas próprias que define o significado do canto das aves, associando através de conhecimentos e associações culturais, onde o significado vai depender do momento e o período que a determinada ave faz o seu canto.

Ressaltando que o significado das respostas coletadas difere muito uma da outra, mas o momento do canto das aves pode ocorrer em períodos diferentes, seja no período diurno ou no período noturno. Quando o canto da coruja ocorre próxima da janela ou porta da casa no período noturno, há uma preocupação, pois, é um indicativo de algo que irá ocorrer significando uma notícia triste para a determinada família ou para alguém da comunidade.

Quando ocorre o canto de um bem-te-vi com frequência no quintal de casa, ela traz uma mensagem que alguém da família está grávida e trará alegria para toda a família. Já se essa ave cantar no período noturno, traz uma mensagem de que haverá morte na família ou alguém da comunidade irá falecer.

Ainda, em relação a mitologia de acordo com Mindlin (2002, pag.149) ele define em suas narrativas míticas que:

MITO: NARRATIVA tradicional sobre o passado que frequentemente inclui elementos religiosos e fantásticos. [...] Os mitos podem tentar explicar a origem do universo e da humanidade, o desenvolvimento de

instituições políticas ou as razões das práticas rituais. Os mitos muitas vezes descrevem as façanhas de deuses, de seres sobrenaturais, ou de heróis que têm poderes suficientes para se transfigurar em animais e para executar outras proezas extraordinárias.

Após os relatos obtidos duramente as entrevistas na fala dos anciões é perceptível notar que o canto das aves tem uma grande importância em relação aos saberes e conhecimentos tradicionais na visão cosmológica indígena, pois retrata a valorização cultural, saberes e conhecimentos indígenas ancestrais.

O canto das aves descritos nessa pesquisa foram traduzidos através de relatos sobre um acontecimento que pode poderá ocorrer na aldeia. Assim, os acontecimentos podem ser uma notícia boa ou ruim para uma determinada família ou para toda a aldeia de forma geral.

Pode se dizer que uma má notícia na comunidade se define quando há morte de um indígena podendo ser uma criança até um adulto, ou pode significar que alguém da família irá adoecer. Ainda, uma tempestade ou uma catástrofe ambiental com fortes ventos e chuvas em grandes quantidades pode ser anunciado através do canto de umas aves de outras espécies não pesquisadas neste trabalho.

Os anciões indígenas possuem várias formas de transmitir os seus conhecimentos, e a mitologia é umas das formas usadas pelos mais velhos ou anciões para ensinar as futuras gerações sobre os saberes e conhecimentos mitológico e cosmológicos ancestrais.

Os conhecimentos tradicionais em relação a mitologia são abrangentes, vai além do significado do canto dos pássaros na aldeia como também se estende para várias ramificações como na área da medicina tradicional, época ideal para trabalhar com a agricultura através da estação lunar, o melhor dia para pescar e caçar através da presença de animais no campo, a cuidados e a cura das doenças através de orações, orientação quanto ao horário do dia através da posição do sol ao longo do dia.

Para Rossi 2008, a construção do mito na memória tem, ao mesmo tempo, um caráter social-individual e social-coletivo, já que é o indivíduo que faz o seu registro e a acumula e é o coletivo que a recupera.

A mitologia terena são saberes e conhecimentos indígenas de grande relevância desde o antepassado, pois de acordo com a crenças e a ciência indígena, os fatos ou acontecimentos futuros dentro de uma comunidade pode ser tornar realidade se porventura houver a presença do canto de uma determinada ave, seja o canto de um bem-te-vi ou de uma coruja.

Essas crenças indígenas relacionado à mitologia terena, não é um conhecimento inferior se comparado a mitologia dos (Purtuye) não indígenas. São conhecimentos e saberes reais que sempre estiveram presente na vida dos anciões e permanece até hoje no século XXI.

Após as respostas obtidas durante a realização do trabalho, foi possível que a mitologia se divida em duas categorias, onde o bem-te-vi é visto como uma ave visto como o símbolo de alegria e pode trazer boas notícias na cosmovisão do ancião terena. Já a coruja é vista como uma ave que não traz uma mensagem favorável ou uma boa notícia, pois o seu canto em períodos diurno na janela ou dentro de casa pode significar a morte de alguém que possa ocorrer em uma determinada família ou para a comunidade, pelo fato da coruja ser uma ave de hábitos noturno.

Ao longo dessa pesquisa foi possível analisar que a maior parte das respostas colhidas durante as entrevistas foi falado na língua portuguesa pela maioria das pessoas e a outra parte foi relatado na língua terena. Dessa forma, é possível afirmar com clareza que a maioria das pessoas da Aldeia Ipegue já não são falantes da língua terena e não tem interesse em aprender a falar na língua terena, principalmente as crianças que ainda estão na fase do processo de formação.

Assim, após observar que há poucos falantes da língua terena nessa aldeia, é motivo de preocupação de como será no futuro da comunidade, pois a língua terena nessa aldeia já vem sendo dominado e sufocado pela língua portuguesa há muito tempo. Mas, como ainda há anciões e algumas famílias que falam e preservam a língua terena, ainda há uma possibilidade de trabalhar com o ensino da língua indígena nas escolas, projetos de revitalização da língua na comunidade e também no convívio familiar.

6. DISCUSSÃO

Conforme as informações adquiridas após as aplicações dos questionários, foi possível observar que os participantes desta pesquisa possuem muitos conhecimentos a respeito do significado do canto de aves como a coruja e o bem-te-vi, e para eles, a crença no canto das aves faz parte dos conhecimentos e saberes tradicionais e da cultura dos povos indígenas terena desde o antepassado, tudo aquilo que foi ensinado pelo ancestrais indígenas e jamais deixarão de ser respeitados.

É importante salientar que para os povos indígenas todos os saberes e os conhecimentos estão ligadas a um conhecimento ancestral, dentre todos os conhecimentos, neste trabalho está descrito especificamente sobre o conceito da mitologia na cosmovisão do indígena que por sua vez também é uma área de conhecimento muito abrangente, onde cada povo indígena espalhadas pelo Brasil tem as suas, peculiaridades, suas especificidades, seja em suas crenças mitológicas, histórias, costumes e tradições e religiões.

Diante desse contexto sobre a mitologia terena é possível refletir de como é a tradição e a cultura indígena pois traz a memória e a existência de um povo que sempre buscou valorizar a cultura, a preservação da natureza contra a degradação ambiental para garantir a sobrevivência e manter a natureza viva para a manutenção da biodiversidade de fauna e flora.

Segundo a afirmação de Ribeiro (1976), a mitologia indígena sempre foi riquíssima com detalhes que os remetia a criação de seu povo, com referências aos animais, em muitos casos não fazendo uma diferenciação entre o modo de vida dos humanos e dos animais, sendo que eles chegam até mesmo a se casarem.

Cabe aqui enfatizar que a mitologia indígena de forma geral é vista pelos povos indígenas como uma verdade absoluta e que na maioria das vezes quem dá crédito nesses conhecimentos e saberes são apenas os anciões que de uma certa forma têm as suas vivências e suas experiências a respeito dos conhecimentos e saberes ancestrais ligado a cultura indígena.

Todas as riquezas culturais já elencadas, vieram a ser desconstruídas e afetadas com a chegada do “homem branco” no meio dos povos indígenas, onde trouxeram consigo uma nova cultura, uma nova língua e uma outra forma de sobrevivência.

Após a invasão europeia no Brasil, houve um grande desequilíbrio cultural entre os povos indígenas, devido a imposição de um ensino cultural e religiosa que afetou significamente a vida dos indígenas da forma que viviam sem a presença de um “homem branco” nas aldeias indígenas.

Um dos objetivos dos europeus era implantar um ensino que viesse transformar a vida dos indígenas em povos civilizados pois considerava os indígenas como selvagens. Uma das estratégias utilizadas contra os povos indígenas era implantar um ensino maqueado com o objetivo principal de desconstruir o pensamento e a cultura dos povos indígenas para que pudesse dominá-los completamente.

Devido a esses fatores sobre o domínio europeu, os povos indígenas sempre demonstraram resistência e sempre buscaram defender a cultura e os seus territórios, para que assim pudesse garantir a sua sobrevivência preservando os costumes, as tradições culturais e principalmente a língua indígena.

Nos últimos anos em meio aos povos indígenas um fator observável e que vem causando uma grande preocupação é a dificuldade de de preservação da língua indígena, pois em muitas comunidades terena, a língua indígena já não é falada na maioria das vezes, sendo substituído pela portuguesa, considerado a língua dominante.

Um povo só é reconhecido através da identidade que apresenta, como exemplo os costumes, a tradições, as crenças e principalmente a fala de sua língua indígena. A perda ou a

extinção cultural é lamentável, sendo esse um dos problemas que vários povos indígenas no Brasil vêm enfrentando constantemente como a perda da língua e o apagamento cultural.

Conforme a afirmação de Martinazo (2010, p.33), “ a identidade humana é um traço característico e cada ser que permite distinguir um indivíduo do outro [...]”. Assim, a identidade pode ser criada ou construída, como também a identidade pode ser significada. Um fator principal e preocupante em relação aos indígenas no tempo atual é o apagamento ou sufocamento da língua terena pela língua portuguesa, levando em consideração vários fatores que vem contribuindo com a desvalorização da língua indígena.

Um dos fatores que contribui pelo desinteresse de muitos não mais falar na língua indígena nas comunidades indígenas é o uso de aparelhos celulares com frequência e a ministração das aulas na língua portuguesa, seja na fase da criança como também dos jovens.

Para que haja a continuação do ensino das culturas e dos conhecimentos indígenas para a nova geração, é necessário que haja estudos e pesquisas dos professores e pesquisadores indígenas sobre os conhecimentos indígenas voltado para o campo de estudos mitológicos e linguísticos, para que possam produzir materiais didáticos escrito na língua terena sendo ensinadas nas escolas e nas comunidades indígenas por meio de projetos na área da educação e saúde especificamente nas séries iniciais do pré ao ensino fundamental.

Através do ensino da língua indígena nas escolas, é possível estudar sobre a mitologia conforme a cosmologia e a cosmovisão do indígena terena que sempre estará ligada a vários fatores como no canto dos pássaros, presença de animais, preservação das florestas, rios e nascentes, anúncio de período chuvoso ou de seca, catástrofe ambiental, estação lunar ideal para plantio e colheita, período da colheita de ervas para produção de remédios naturais caseiros, retirada de madeira para construção de casas, construção de cerca de arame etc.

Conforme Aracy Silva (1995), em algumas sociedades indígenas os mitos determinam como deve ser a organização social e incluindo a transmissão dos nomes pessoais, estabelecendo as categorias sociais geram regras próprias que pode ser dada ao casamento. Tais determinações provocam questionamentos que incitam reflexões que levam a uma nova versão do mito em questão.

Se o que dissemos até aqui enfatizara a racionalidade e a universalidade do mito, ressaltando o que é compartilhado por toda a humanidade, cabe agora abordar esta outra face, ou seja, o mito como produto e como instrumento da reflexão de um povo específico sobre sua maneira de viver, sua sociedade e sua história, e como expressão de concepções culturalmente elaboradas, reveladoras de especificidades sócio-culturais. (SILVA, 1995).

Nas comunidades ou aldeias, os conhecimentos e práticas tradicionais e culturais indígenas, sempre estiveram ligadas à mitologia e a cosmovisão do ancião indígena, como às crenças e os costumes tradicionais culturais desde o nascimento até a morte.

Com o passar dos anos isso vem se perdendo principalmente na fase da juventude, onde na maioria das vezes o jovem não tem paciência e nem interesse para aprender e escutar os mais velhos nos ensinamentos que faz parte da cultura tradicional.

Nas comunidades indígenas há um sistema a ser seguido, através de práticas ou rituais indígenas, como por exemplo, no momento do nascimento de uma criança a mulher que irá ganhar um bebê na sua própria casa, ela precisa estar acompanhada de uma parteira indígena e no momento da morte de uma pessoa na família dentro de uma comunidade indígena onde a ancião faz um canto fúnebre, e quando o corpo da pessoa

Por exemplo, algumas décadas atrás quando uma criança indígena estava prestes a nascer, a parteira indígena sempre uma anciã era convidada para fazer todos os procedimentos do parto, e para preparar esse momento era feito pelo homem da casa um buraco de forma arredondada no quarto onde a mulher grávida aguardava o nascimento de seu filho.

Após o nascimento da criança, a placenta e partes do cordão umbilical são enterradas dentro desse buraco, sempre respeitando as questões culturais indígenas para que os costumes e as tradições sejam preservados e ensinados para as futuras gerações.

De acordo com os conhecimentos culturais indígena, quando a criança começa a andar e a falar, são utilizados alguns métodos caseiros para fortalecer os membros inferiores onde são feitos chás com ervas e folhas naturais para ajudar na fala da criança como também para o fortalecimento do organismo, para o aumento da imunidade contra as possíveis doenças.

De forma mais ampla, todos os saberes e conhecimentos culturais e tradicionais indígenas faz sentido para o indígena e sempre tem um significado importante, cada um com suas peculiaridades e suas especificidades nas diversas etnias indígenas existente.

Diante dos contextos cosmológicos e mitológicos indígenas os conhecimentos adquiridos dos ancestrais tem uma grande importância, pois pode revelar uma notícia ou um acontecimento somente pelo fato de ouvir o canto do pássaro num horário incomum.

Por isso, os anciões terena priorizam a preservação das aves pois acaba tornando uma alternativa para o tempo cronológico, para saber o horário do dia ou da noite, estação do ano, período chuvoso ou seca, período de enchente dos rios que passam próximo das aldeias, e também, dependendo da espécie, torna-se uma ave mensageiro, seja de uma notícia boa ou ruim.

Na cultura indígena os anciões sempre tiveram uma grande relação e harmonia com a natureza, com a terra, com as aves, animais e plantas. Na cosmologia terena a terra e todo os seres vivos existentes, tem uma grande representatividade e traz um significado de vida. Por isso a manutenção e a preservação da natureza é primordial para a sobrevivência de todos os seres vivos. Sendo assim, os conhecimentos, os saberes e a relação do homem com a natureza acaba se tornando uma vivência constante principalmente nas aldeias de zona rural onde o contato é frequente.

Já os indígenas que vivem em contexto urbano, não tem essa facilidade de conviver e presenciar o canto dos pássaros nos quintais de casa, contato com as matas e nem ter a convivência com a natureza diariamente.

Por isso, é importante, pesquisar, estudar e aprofundar nessa área de conhecimento para descrever tantas outras mitologias indígenas terena existentes para que sejam ensinadas nas escolas pra que esses conhecimentos não seja exista entre o povo indígena terena. Na maioria das vezes, na escola indígena, como na escola não indígena, quando se trata do ensino da mitologia principalmente em épocas comemorativas entre os período folclórico nas escolas, as mitologias trabalhadas em sala de aula com os alunos indígenas são dos livros didáticos e deixam de ensinar as mitologias indígenas principalmente para a nova geração.

A cultura terena de uma forma mais abrangente traz consigo as histórias de luta e resistência contra um sistema que em todo momento faz com que as mitologias, as línguas indígenas, as crenças, os saberes e os conhecimentos sejam apagadas para que os povos indígenas sejam extintos definitivamente.

Dessa forma, os conhecimentos universais são ensinadas aos alunos, sendo uma das formas de manter esses conhecimentos indígenas armazenado na mente dos alunos.

Por isso, há uma grande relevância dessa pesquisa que teve como objetivo trazer os registros sobre os conhecimentos mitológicos na cosmovisão do indígena através da fala, principalmente quando se trata mitologia falada na língua indígena.

Após as informações adquiridas sobre a mitologia, não é possível afirmar que na Aldeia Ipegue que a língua terena é a língua oficial, pois a maioria dos participantes da pesquisa responderam os questionários na língua portuguesa. Dessa forma, gera-se uma grande preocupação de como será no futuro dos povos indígenas caso não haja a revitalização da língua dos indígenas Terena.

Nesse trabalho está descrito especificamente sobre os indígenas da etnia Terena da Aldeia Ipegue, mas isso não significa que outras etnias não possuem seus conhecimentos

mitológicos e cosmológicos através do canto das aves, pois cada etnia indígena tem as suas especificidades.

Se tratando de Povo Terena, atualmente essa etnia está espalhada pelos estados brasileiros, como São Paulo e Mato Grosso, mas a maior parte estão concentradas no Estado de Mato Grosso do Sul.

De acordo com a afirmação de Bittencourt e Ladeira (2000), para conhecer um pouco da história do povo Terena, é preciso recorrer a várias fontes de informação que descrevem um pouco da história e as características dessa etnia indígena brasileira.

Diante desse contexto sobre os povos indígenas existente, é importante mencionar que há outras etnias indígenas no estado de Mato Grosso do Sul além da etnia Terena, que são os indígenas da etnia Guarani Kaiowá considerada a segunda etnia mais populosa, além de outras etnias com menor população.

Cabe aqui salientar de que há uma grande variedade de conhecimentos mitológicos entre os Terena, sendo conhecidos como indígenas que desenvolvem trabalhos artesanais como objetos de cerâmica, como potes, miniatura de animais, tecelagem, construção de instrumentos musicais, construção de arco e fecha, cocares, brincos etc.

Além disso, os terenas também fazem a prática de agricultura desde o antepassado com o cultivo de grãos principalmente de milho e feijão. Ainda, outra espécie de planta muito cultivada pelos Terena nas comunidades é a mandioca (xupú) na língua terena, após a produção algumas famílias possuem o hábito de produzir a farinha e as comidas típicas derivadas da mandioca como o Híhi, lapapé, bijú e o póreo, que são comidas tradicionais indígenas derivados da mandioca.

De acordo com Seizer da Silva (2009), os indígenas da etnia Terena, especificamente o homem tem como função na comunidade de caçar e pescar. A caça é um hábito para a sobrevivência e geralmente pode ocorrer de forma coletiva entre familiares e amigos. Já a pesca acontece de forma individual, cada pai de família sai à procura de rios e lagos para pescar, para assim sustentar a sua família.

Com o passar dos anos, muitas coisas mudaram dentro das comunidades indígenas, algumas décadas atrás os indígenas viviam em suas comunidades de forma isolada. Atualmente, os indígenas possuem o atendimento médico através da Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESAI, e também têm acesso a escola sob a competência dos municípios e estado onde há escolas indígenas dentro das comunidades indígenas.

Por mais que haja atendimento a saúde e a educação em várias comunidades Terena, ainda há muitas comunidades indígenas vivendo em situação de calamidade, principalmente

com os indígenas da etnia Guarani Kaiowá que vivem nas fronteiras do Brasil com os países vizinhos.

Se for comparar as condições e a qualidade de vida dos indígenas dos antepassados com os indígenas do tempo atual, há uma grande diferença de realidade, pois alguns séculos atrás os indígenas não tinham acesso à educação em suas comunidades, muitos não sabiam ler e nem escrever, não tinham atendimento a saúde e outras benfeitorias que atendesse as demandas das comunidades.

A realidade de hoje em relação ao tempo passado é muito diferente, os anciões das aldeias nunca tiveram a oportunidade de frequentar escola para estudar, nunca aprenderam a ler e nem escrever, mas sempre conseguiram contar o dinheiro e fazer os cálculos matemáticos de acordo com suas habilidades tradicionais.

Na época atual, todas as criança, jovens e adolescentes em idade escolar estudam nas escolas dentro das comunidades indígenas desde o ensino fundamental até ao ensino médio. Após a conclusão do ensino médio, muitos saem de suas aldeias e vão morar em contexto urbano para dar prosseguimento em seus estudos.

Nas comunidades indígenas uma das práticas comum para lazer dos jovens é o jogo de futebol nos finais de semana, tanto na categoria masculino e feminino. E como parte da tradição de cada comunidade, todos os finais de a equipe da organização do esporte organizam campeonatos de futebol com premiação em troféis e dinheiro, onde muitos jovens que moram em contexto urbano, migram para suas aldeias com seus pais para passar a virada do ano com seus familiares.

Morar na aldeia é muito bom, mas as vezes há dificuldades enfrentadas pelas famílias, principalmente por falta de trabalho e também no atendimento de saúde, pois a saúde indígena não consegue atender toda a demanda das comunidades.

Diante desse contexto, um dos motivos que levam as famílias indígenas migrarem para centros urbanos, principalmente para a cidade de Aquidauana, Campo Grande, Dourados e Sidrolândia em busca de trabalho e uma boa qualidade de vida.

Com o passar dos anos e com a migração constante dos indígenas, houve um aumento significativo de indígenas Terena em centros urbanos que constantemente vem chegando mais indígenas, lembrando que essa etnia é considerada um povo que transita entre a aldeia e cidade em busca de sobrevivência.

Assim, houve a necessidade de criar comunidades indígenas onde as famílias indígenas se concentravam, sendo um meio ou uma estratégia para a permanência dos indígenas em contexto para conquistar seus objetivos.

Com a permanência dos indígenas e com a organização dos líderes indígenas e com o apoio pelo poder público, as áreas ou terrenos pertencentes à Prefeitura e ao Estado foram sendo ocupadas pelos indígenas sendo instaladas acampamentos de construção de barracas de lonas.

Com o passar do tempo nas áreas ocupadas pelas famílias foram criadas as comunidades indígenas, atualmente conhecidas como aldeias urbanas ou comunidade indígena urbana. Atualmente as aldeias urbanas tem uma condição melhor para a sobrevivência como por exemplo, projetos habitacionais, instalação de água tratada, energia elétrica, coleta de lixo e projetos sociais que se estendem pelas aldeias.

Ao mesmo tempo que é bom estar morando em contexto urbano devido as condições e qualidade de vida, há uma grande desvantagem principalmente para a nova geração que já não recebem os ensinamentos da mitologia indígena terena e muito menos o ensino da língua, e acabam obtendo a língua portuguesa como a primeira língua.

A melhoria na condição de vida dos indígenas em contexto tem sido um ponto positivo, pois muitos indígenas têm ocupado espaço no mercado de trabalho e seus filhos inseridos nas universidades em busca de conquistar a sua formação acadêmica, mas os netos e filhos viver longe dos avós torna-se um retrocesso na prática e aperfeiçoamento do conhecimento mitológicos que sempre são ensinadas pelos indígenas mais velhos das aldeias, que são os anciãos.

Morar na cidade sempre é um desafio para o indígena, pois é necessário se enquadrar nos ritmos de vida da cidade, pois om indígena que sai de suas aldeias para morar na cidade precisa ter um foco ou um planejamento em busca de um futuro melhor para as suas famílias. Mesmo morando na cidade é impossível deixar a cultura indígena, o que mais é preocupante é quando o indígena se desinteressa em aprender a falar na sua língua indígena.

Na cultura indígena terena, há uma riqueza de histórias, lendas e mitos sobre animais e aves conhecidos pelos indígenas, cada qual com seu significado na cosmovisão indígena e que muitas vezes esse olhar sobre o significado dos animais e o canto das aves passa despercebido pelos não indígenas ou os Purutuye (não indígenas), pois tem um olhar totalmente diferente do indígena.

De acordo com a cultura tradicional indígena terena, na maioria das vezes, as histórias e as mitologia indígenas são contadas através dos avós no momento da roda de conversas para os filhos e netos. Os contos e histórias indígenas geralmente são repassadas na convivência do dia- a dia ou quando há uma oportunidade de dialogar seja no período diurno ou noturno.

Sobre a mitologia, na crença indígena, através do canto de uma determinada ave, é possível identificar qual a espécie da ave que está cantando e quais as possíveis mensagens que essa ave está transmitindo para aquela determinada família que presenciou o canto.

Certa noite em que dormi numa aldeia chamada Ypec pelos franceses, ouvi à tarde cantarem esses pássaros um canto melancólico e vi os selvagens que darem silenciosos e atentos. Conhecendo a causa de tal atitude, quis convencê-los de seu erro. Mas apenas toquei no assunto e me pus a rir juntamente com outro francês que me acompanhava, um ancião ali presente exclamou com rudeza: "Cala-te e não nos impeça de ouvir as boas novas que nos enviam nossos avós; quando ouvimos essas aves ficamos todos contentes e nos sentimos com novas forças (Jean de Léry, [1578] 1980; 153-154).

Tanto no passado quanto nos dias atuais, para os povos nativos ou originários, e através de conhecimentos e saberes ancestrais, a presença de algumas espécies de pássaros nos quintais de casas nas aldeias terena, traz uma certa reverência no momento do canto na cosmovisão indígena, onde, essas espécies de aves é visto como mensageiro, tornando-se como uma ave sagrada para os indígenas.

Ainda, André Thevet, ([1557] - 1978) faz uma menção dos povos nativos em relação aos pássaros proféticos:

Entre todas as aves desta terra, existe uma que os selvagens não matariam ou mesmo comeriam por nada deste mundo: certo pássaro de piado estridente e melancólico como o das nossas corujas. Dizem as pobres criaturas que esse canto lhes faz recordar os entes queridos que se foram. Este pássaro seria um enviado dos mortos, trazendo boa sorte para os amigos que ainda viviam e azar para seus inimigos (André Thevet, ([1557] 1978): 159).

De acordo com Eliade (2008), compreender a estrutura e a função dos mitos não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também faz compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos.

Para Rossi (2008), conceituar o mito não é uma tarefa fácil, pois a mitologia está subordinada às mais diferentes correntes do pensamento humano. O mito será entendido em aspecto pragmático, isto é, em sua função. Sendo assim, a interpretação do mito está na razão direta de como ele atua na sociedade e, por isso a sua interpretação é variável.

Para facilitar o entendimento sobre a vida especificamente sobre o canto das aves na natureza, é necessário mencionar algumas áreas dentro da biologia, onde umas destas áreas tem o foco principal estudar sobre o canto de aves das mais diversas espécies.

Para os não indígenas o estudo do canto das aves está inserido dentro de um conhecimento científico dentro do ramo da biologia na qual o canto de aves das mais variadas

espécies representa um significado, seja na mudança climática, ou um desastre ambiental, momento de acasalamento como também pode representar um acontecimento mitológico para os povos indígenas.

Dentro do conhecimento científico a área de estudo que trata sobre o canto das aves está dentro da área específica de estudo dentro da etnobiologia que busca compreender sobre os fenômenos da natureza através de percepções e a sua relação com o ser humano no cotidiano.

Diante desse contexto, a etnozootologia faz parte de um campo de estudo abrangente – a Etnobiologia. Surgida do campo da sociolinguística e da antropologia cognitiva, a etnobiologia é um campo de pesquisa transdisciplinar que busca entender as diversas percepções culturais da relação do homem com a natureza, assim como a maneira e propósito de como estas percepções são alinhadas e classificadas pela sociedade através da linguagem (Posey; Begossi, 1993).

Ainda, dentro da área de zoologia há uma outra área específica chamada de etnoornitologia que tem como objetivo específico estudar sobre o canto das aves, e busca analisar a performance existente entre seres humanos e aves silvestres. Essa área busca estudar a inter-relação dos animais e das aves com o ser humano.

Geralmente, os anciões na aldeia possuem o hábito de observar a natureza diariamente e assim conseguem adquirir uma mensagem através do canto de algumas aves, citando como exemplo o sabiá, a coruja bem - te - vi e demais aves considerado símbolo da mitologia indígena. Além das aves, é de costume dos anciões observar a presença de animais nos quintais de casa, dependendo da espécie, torna-se um mensageiro dependendo da ocasião em que aparece.

De acordo com a afirmação de Farias e Alves (2007), a área de etnoornitologia busca entender as relações cognitivas, comportamentais e simbólicas existentes entre a espécie humana e as aves, cruzando-se o conhecimento a partir da compreensão destas relações sob diversos contextos culturais e ecológicos.

Nas aldeias indígenas, os cuidados de preservação de fauna e flora é constante e primordial, especificamente para garantir a sobrevivência dos animais e das aves de diversas espécies. Ambos possuem uma grande importância para os povos indígenas, pois na vivência e na cultura indígena, os animais e as aves têm o seu significado no ponto de vista cosmológico, onde através do canto de pássaros na aldeia, é possível identificar o tipo de mensagem que essa ave estará transmitindo ao cantar no quintal das casas dos anciões da Aldeia Ipegue.

Nessa concepção e na visão cosmológica do indígena terena, algumas aves ao cantar traz uma mensagem seja boa ou ruim de um fato que futuramente possa ocorrer com alguém da família na comunidade. Essa forma de crença indígena está presente nas demais aldeias indígenas terena, mesmo que as aldeias sejam distantes uma das outras.

Na maioria das vezes os ensinamentos mitológicos não são ensinados pelos mais velhos pois os adolescentes indígenas não têm interesse em aprender e também na maioria das vezes não se dialogam com seus avós, principalmente nessa nova era tecnológica com a chegada de aparelhos eletrônicos como os celulares, computadores e a TV.

Sendo assim, os conhecimentos mitológicos não acabam sendo ensinados e isso se torna uma perda incomparável, pois a partir do momento que os anciões das aldeias falecem, não tem mais ninguém que possa ensinar os conhecimentos e os saberes sobre as mitologias. Por isso, é importante que demais professores e pesquisadores indígenas desenvolvam mais trabalhos científicos voltados para os conhecimentos indígenas, para que sejam ensinadas nas escolas das comunidades indígenas.

Portanto, descrever sobre os conhecimentos indígenas e saberes ancestrais fortalece a cultura indígena Terena, pois esses conhecimentos precisam ser ensinados e revitalizados constantemente para que não seja extinta. Uma das preocupações levantadas ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, foi descobrir que a maioria dos moradores da Aldeia Ipegue de idade fase adulta com também as crianças, já não falam na língua Terena e por isso é importante e preciso que outras mitologias terena sejam pesquisadas e registradas contadas na língua terena, para que esses conhecimentos não se percam com o passar do tempo, principalmente as mitologias indígenas relatadas na língua terena pelos anciões.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos culturais e mitológicos associados à natureza desde a fauna e a flora sempre fizeram parte da vivência e cultura dos povos indígenas, por isso, é importante a manutenção da cultura, da identidade, dos conhecimentos e saberes indígenas.

Dentre os saberes indígenas, está a mitologia que é uma área abrangente de saberes e conhecimentos tradicionais que foram ensinadas ou herdadas de nossos antepassados

ou de nossos ancestrais que jamais poderão ser esquecidos ou extintos, pois todas essas riquezas culturais e tradicionais indígenas faz parte da História do Povo Terena.

Após os estudos realizados sobre o significado do canto das aves, foi possível concluir que as espécies das aves pesquisadas são consideradas as aves símbolos da mitologia terena possuindo uma grande importância para os povos indígenas dessa etnia.

Através dos conhecimentos tradicionais, e a partir dos cantos das aves pesquisadas, foram relatados pelos anciões que através do canto das aves é possível prever que futuramente poderá ocorrer um acontecimento dentro da comunidade indígena. Ainda, as aves pesquisadas neste trabalho são vistas como aves mensageiros por trazer uma notícia as comunidades indígenas no momento do seu canto.

Os cantos dos pássaros para os indígenas podem trazer vários significados de acordo com a cosmologia indígena, onde os significados do canto das aves podem ser a morte de uma pessoa na comunidade, uma catástrofe natural ou o período chuvoso ou período de uma grande estiagem que poderá acontecer.

No passado antes da invasão do Brasil, os conhecimentos, os saberes dos anciões indígenas sobre as mitologias, as crenças, os costumes tradicionais eram totalmente puros e muito valorizado. Com a chegada dos europeus, muitos conhecimentos e mitologias europeias foram ensinadas e veio ganhando força em meios aos indígenas, citando como exemplo as lendas que atualmente são ensinadas para os alunos nas escolas através do uso de livros didáticos.

Assim, com o ensino sobre as lendas e as mitologias não indígenas, os conhecimentos e as mitologias indígenas foram deixadas de lado e ficando no esquecimento. Por isso, é importante pesquisar sobre as mitologias indígenas terena para que não fique no esquecimento e que haja a valorização da cultura e os conhecimentos mitológicos e principalmente a preservação da língua terena, para que todos esses ensinamentos e conhecimentos culturais sejam ensinadas nas escolas.

Pelo fato de muitos moradores principalmente as crianças indígenas não falarem mais a língua terena nesta aldeia, muitos já não sabem e não conhecem sobre a mitologia terena sobre os cantos de aves, pois geralmente as anciãs tem mais facilidade de contar os mitos na língua terena.

Os indígenas Terena diferenciam um do outro em vários sentidos como na maneira de falar a língua, de conhecer as mitologias ligadas ao povo Terena. Assim, é relevante mencionar

que as mitologias terena estarão sempre ligadas aos conhecimentos e saberes de nossos ancestrais.

Ainda, se referindo sobre a mitologia terena, abaixo está descrito a mitologia da Etnia Terena da Aldeia Cachoerinha, município de Miranda-MS, contada por um ancião.

Exetina sîni yokó Puxárara

Mahi enone ra sinî, yane kamoané ne Puxárara, yane ra Puxárara akó pika sîni. Ihâne turixovo xururukea, pihone ne sinî yonea xururuko.

Yane koene ne sinî imama ko itikinovo xunati, Puxarara.

Xirikuke ngalihâ, kixone Puxárara ne sinî.

Horto Belizário (Ancião Terena da Aldeia Cachoerinha)

Essa mitologia é de autoria de um ancião terena da Aldeia de Miranda, isso mostra o uso da língua terena nessa aldeia, onde as crianças indígenas são ensinadas a falar em casa na convivência do dia a dia com seus pais e irmãos, nas brincadeiras na escola, praticando algum jogo etc. Numa passagem por essa aldeia a trabalho como professor do Curso de Normal Médio Intercultural Indígena Povos do Pantanal, foi possível observar que a maioria dos alunos do curso mencionado e os moradores desta aldeia falam e escrevem mais na língua terena.

Com o estudo mais detalhado sobre o significado da mitologia indígena sobre o significado do canto das aves, é possível afirmar que os saberes e os conhecimentos ancestrais são abrangentes e que os indígenas mesmo pertencendo a mesma etnia Terena e morando em aldeias diferentes, a possibilidade de relatar e conhecer a mitologias são diferentes.

Com o ensino da língua portuguesa na escola, houve ainda mais a dificuldade para ensinar sobre o conhecimento da mitologia indígena, pois a maioria professores já não sabem e também não falam na língua terena.

Uma das formas para que o ensino da mitologia terena possam ser ensinadas na escola é necessário que haja a revitalização da língua indígena com o ensino na escola, pois atualmente há uma grande dificuldade de haver o ensino da língua indígena na grade curricular das escolas nas comunidades indígenas de zona rural.

Saber falar a língua indígena é muito importante pois é umas das identidades do ser indígena. Assim, os anciões terena sempre se comunicam na língua terena para a troca de conhecimentos ancestrais e a valorização cultural indígena com os mais novos.

E, como as crianças e os jovens já não falam na língua terena, dificilmente terão diálogo com os anciões e conseqüentemente não terão acesso à essas mitologias que existem fazendo parte das crenças de acordo com a cosmovisão indígena.

Nesse sentido, nossa intenção ao sugerir aqui algumas possibilidades para se trabalhar o ensino das mitologias indígenas não a partir do que impõe o senso comum, mas a partir da construção de outras referências que se distanciem das identificações que segregam e relegam a um longínquo lugar no passado os inúmeros povos e nações indígenas, propondo assim uma direção que caminhe para um efetivo imergir nos constructos sócio simbólicos que arquitetam toda a noção de sabedoria e conhecimento de mundo tanto de sociedades forjados no uso e na valorização das suas línguas e identidades como daquelas que, dada trajetórias específicas do contato com o colonizador, tiveram que abrir mão desses elementos e reconstruíram suas existências a partir de um ressignificar da língua portuguesa por eles assimilada e tomada enquanto própria (Silva, 2012).

O resultado final dessa pesquisa, um cópia será entregue na escola municipal Indígena Feliciano Pio localizado na Aldeia Ipegue, para que essa riqueza cultural sobre a mitologia indígena sobre o significado do canto das aves na cosmologia Terena na fala do ancião seja ensinada para as crianças na escola para que essa aprendizagem e esses conhecimentos ancestrais não fique no esquecimento e seja extinta, mas que possa ser ensinada de geração em geração.

Portanto, essa pesquisa é importantíssima e pretende-se não se encerrar por aqui, sendo necessário dar o prosseguimento nesta área de estudo que trarão os conhecimentos e saberes indígenas herdados dos ancestrais. Que os resultados obtidos nesse trabalho da mitologia terena sobre o significado do canto das aves na fala do ancião de acordo com a cosmologia e cosmovisão indígena, possa contribuir para demais pesquisas vindouras da mitologia terena.

8. REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

- Aguilera, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, maio-ago. 2008.
- Alencar, J. de. *A terra sem males*. São Paulo: Paulus, 2009.
- Altenfelder Silva, F. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. III, p. 281, 1949.

- Begossi, A. 1993. *Ecologia Humana: um enfoque das relações homem-ambiente*. Interciência 18, p. 121–132.
- Brasil. Constituição Federal (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- Brasil, Congresso Nacional. "LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL". 20 de dezembro de 1996.
- Bittencourt, Circe M.; Maria. E. *A história do povo terena*. Brasília: 2000.
- Buarque. H. de, Sérgio. *Raízes do Brasil*. — 26. ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Camacho, Roberto G. *Norma culta e variedades linguísticas*. São José de Rio Preto: Unesp, 1994.
- Castilho, Maria Augusta et al. *Artesanato e saberes locais no contexto desenvolvimento local. Interações (Campo Grande) [online]*. 2017, v. 18, n. 3, pp. 191-202. <https://doi.org/10.20435/inter.v18i3.1518ISSN1984-042X>.
- Calvet, L. J. *Sociolinguística uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- _____. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- Cunha, Fátima Cristina. D.F. *Caminhando pelo mundo – Mitologia Terena*. Campo Grande, MS, 2012.
- Descobrimento/achamento, encontro/contato e invasão/conquista: a visão dos índios na descoberta da América Portuguesa. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/2742/2642>. São Leopoldo | v. 21 n. 1 | p. 91-109 | jan.-jun. 2016. Acesso em 25 ago.2023.
- Dalla, R. L.C Bem viver e terra sem males: a cosmologia dos povos indígenas como uma epistemologia educativa de descolonialidade. Disponível em: [file:///C:/Users/SED/Downloads/admin,+15+-+Educ_v42n2-ID27652+-+final%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/SED/Downloads/admin,+15+-+Educ_v42n2-ID27652+-+final%20(3).pdf) >.
- Revista eletrônica. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 298-307, maio-ago. 2019.
- Eliade, M. – *Mito e Realidade*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.
- Elias Sobrinho. M.de L. *Alfabetização na Língua Terena: Uma Construção de Sentido e Significado da Identidade Terena da Aldeia Cachoerinha / Miranda/ MS*. Campo Grande, 2010. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco.
- Eloy, A. Luiz Henrique. *O Despertar do Povo Terena para os seus Direitos. Movimento Indígena e Confronto Político em Mato Grosso do Sul*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Disponível em:

<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao>>. *Movimentação*, Dourados, v. 4, nº. 6, p. 83-104, 2017. Acesso em 11 abr.2023.

Farias, E. S. *MEMÓRIA TABAJARA: Manifestações de fé e identidade ética*. 2011. 172 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), UFPB. João Pessoa, PB.

Freire, José R.B & Malheiros, M. F. *Aldeamentos Indígenas no Rio de Janeiro*. Programa de Estudos dos Povos Indígenas. Departamento de Extensão, UERJ, 1997.

Garcia, M. de S. *Uma análise tipológica sociolinguística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

GOMES, A. M.; ROCHA, R. B. da. *Descobrimento/achamento, encontro/contato e invasão/conquista: a visão dos índio na descoberta da América Portuguesa*. | São Leopoldo | v. 21 n. 1 | p. 91-109 | jan.-jun. 2016.

Grizzi, D. C. S.; Silva, Aracy Lopes da. *A Filosofia e a Pedagogia da Educação Indígena: um resumo dos debates*. In: Comissão PróÍndio. *A Questão da Educação Indígena*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____, *O Papel das Atitudes Linguísticas na Manutenção ou não da Língua em Comunidades Indígenas Bilíngues: O Caso Ipegue/Terena*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. *Revista Eletrônica, Via Litterae*, Anápolis, v. 1, n. 1, p. 99-118, jul./dez. 2009.

Joaquim, J. *Conhecimentos Etnoastronômicos Terena: Uma Contribuição da Comunidade Indígena de Cachoeirinha do município de Miranda/MS*. 2022. 71f. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2022.

Jean de L. 1980 [1578]. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo. 1980.

Labov, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Lévis-Strauss, Claude. *O pensamento selvagem*. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2006.

Lima, T.A. *Cerâmica indígena brasileira*. In: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma etnológica brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. v. 2: Tecnologia indígena.

López ,M. H. *Sociolinguística*. Madrid: Gredos, 1993.

Mindlin, B. *O fogo e as chamas dos mitos*. São Paulo: *Estudos Avançados*, v.16, n. 4, 2002.

Disponível

em:

<<https://www.scielo.br/j/ea/a/sCSGf7Lzc4GgJVbGW8QY7mB/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso em 25 ago. 2023.

Moreno, F. F. *Princípios de Sociolinguística y Sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

O som dos pássaros brasileiros e a sabedoria indígena. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2017/06/07/os-passaros-brasileiros-e-as-raizes-indigenas/>

>. Acesso em 22 set.2023.

Posey, D. A. 1987. *Etnobiologia: teoria e prática*. Em: Ribeiro, D. *Suma etnológica brasileira*.

1. Petrópolis: Vozes.

Povos indígenas no Brasil 500 anos de massacre. Disponível em <<http://nodeoito.com/povos-indigenas-massacre/>>. Acesso em 23 agost.2023.

Sebastião, L.L. *Trajetórias da Mulher Terena: do papel tradicional à arena sócio política*.

Dissertação ,2012. 150p. (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUCSP.

Silva, R. E.da; Souza, A.C. S. *A aldeia Lagoinha e suas atitudes linguísticas frente ao bilinguismo entre as línguas Terena e portuguesa numa perspectiva sociolinguística*. Campo Grande, MS: UEMS, 2019, 82p.

Ribeiro, D. *Uirá sai à procura de Deus. Ensaios de Etnologia e Indigenismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

Rodrigues, A. D.'I. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. D.E.I.T.A., v.9, n.1, p.83-103.1993.

Rodrigues, A. D. *Línguas indígenas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002.

Rossi. A. L. D. De O. Carvalho. *Mitologia: abordagem metodológica para o Historiador da Antiguidade Clássica*. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 36-52, 2007.

Rodrigues, Aryon D. (2013). *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB. Disponível em: < <http://www.laliunb.com.br>> . Acesso em 11 de set 2023.

Rodhe, R. *Algumas notícias sobre a tribo indígena dos Terenos*. Terra Indígena, UNESP, Araraquara, n. 55, p. 20-39, abr./jun. 1990.

Savedra, Mônica Maria Guimarães et al. *Estudos em sociolinguística de contato no Brasil:*

a diversidade etnolinguística em debate. *Cadernos de Linguística*, [s.l.], v. 2, n. 1, p.

1-28, 2021. Disponível em: < <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=SAVEDRA%2C+M%C3%B4nica+Maria+Guimar%C3%A3es+et+al.+Estudos+em+so>

[ciolingu%C3%ADstica+de+contato+no+Brasil%3A+a+diversidade+etnolingu%C3%ADstica+em+debate.>](#). Acesso em 31 de jan 2024.

Seizer da Silva, A. C. Educação Escolar Indígena na Aldeia Bananal: Prática e Utopia. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 192p, 2009.

Silva, Aracy Lopes da. Mito, Razão, História e Sociedade: interrelações nos universos sócio-culturais indígenas. In: SILVA, Aracy Lopes da. e GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (orgs). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: Mec/Mari/Unesco, 1995.

Silva, R. C. Mito e o Ensino de História e Cultura Indígena em perspectiva decolonial. Fronteiras: Revista Catarinense de História. Dossiê História Indígena e estudos decoloniais, N. 31, 2018/01.

Souza, S. C. Mitologia e representações da imagem da natureza pantaneira pela população indígena Terena. Campo Grande, MS, 2015.

Teixeira, R. F. A. As línguas indígenas no Brasil. In. Organização Silva, Aracy Lopes da Grupioni, Luis Donisete Benzi (org.). A Temática Indígena na Escola. Novos Subsídios para Professores de 1º e 2º graus. 4ª ed. São Paulo: Global: Brasília: MEC: MARI: UNESCO, 2004

Travaglia, L. C. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997. Universidade de Cruz Alta. Manual de normalização: Estrutura e normalização de trabalhos científicos. 3. ed. Cruz Alta, RS: UNICRUZ, 2006.

Vargas, V. L.F. A dimensão sócio política do território para os Terena: as aldeias nos séculos XX e XXI. Tese de doutorado em História Social, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense/UFF, 2011.

Vargas, V. L. F. A construção do Território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e opção. 2003. 160 p. Dissertação (Mestrado em História) UFMS, Dourados.

_____, A dimensão sócio – política do território para os Terena: as aldeias nos séculos XX e XXI/ (Tese de Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2001, 187f.

Wagley, C. W. Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos. Tradução de Clotilde da Costa, Companhia Editora Nacional - São Paulo, 1957.